



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

ALINE DOS SANTOS DE ANDRADE

**UMA ANÁLISE DO PRETÉRITO PERFEITO
COMPOSTO NO ESPANHOL MEXICANO**

Salvador

2022

ALINE DOS SANTOS DE ANDRADE

**UMA ANÁLISE DO PRETÉRITO PERFEITO
COMPOSTO NO ESPANHOL MEXICANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto.

Salvador

2022

Esta Dissertação foi financiada integralmente com uma bolsa de Mestrado da **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb)**, pedido nº 682/2020, no período de 01/04/2020 a 31/05/2022.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANDRADE, ALINE DOS SANTOS DE
UMA ANÁLISE DO PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO NO
ESPAÑHOL MEXICANO / ALINE DOS SANTOS DE ANDRADE. --
Salvador, 2022.
101 f.

Orientador: CARLOS FELIPE DA CONCEIÇÃO PINTO.
Dissertação (Mestrado - Língua e Cultura) --
Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-
Graduação em Língua e Cultura - UFBA, 2022.

1. Pretérito perfeito composto. 2. Variação do
espanhol. 3. Gramática Gerativa. 4. Microparâmetro. 5.
Aspecto léxico. I. PINTO, CARLOS FELIPE DA CONCEIÇÃO.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de agradecer ao Pai Celestial e a Jesus Cristo que sempre estiveram presentes na minha vida. Toda honra e glória seja dada a Eles. Se não fosse Deus na minha vida, jamais teria chegado até aqui.

Para a realização deste trabalho, algumas pessoas me ajudaram. Sem elas, não teria sido fácil consegui-lo. A todas, as quais seria exaustivo aqui enunciar, a minha profunda gratidão.

A algumas dessas pessoas, pelo apoio especial que me prestaram ao longo deste trabalho, gostaria de agradecer especialmente:

Ao Prof. Dr. Carlos Felipe que me acolheu, ainda enquanto graduanda, que me incentivou e continua me incentivando até os dias de hoje. Se não fosse seu acolhimento e incentivo, talvez eu não tivesse ido tão longe como tem sido.

À minha mãe, que sempre me apoiou. Com ela, esta jornada se tornou mais leve. Confesso que se não fosse seu apoio, eu não conseguiria chegar até aqui. Obrigada, mainha, por seu apoio nestes últimos meses comigo e com minha filha.

RESUMO

A variação do espanhol não se restringe apenas a diferenças léxicas e fonológicas, mas também se manifesta nas diferenças morfossintáticas. Nesse sentido, uma das diferenças morfossintáticas entre variedades do espanhol que vem sendo debatida está relacionada com o uso do pretérito perfeito composto (PPC). Levando em consideração que esse tempo verbal na variedade mexicana aparenta ser diferente do espanhol em geral, o objetivo principal desta dissertação é analisar e descrever como o aspecto vinculado ao PPC do espanhol se materializa na variedade mexicana. À vista disso, este trabalho segue à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão minimalista, pois, a nosso ver, permite uma explicação mais satisfatória no que diz respeito à variação do PPC da língua espanhola a partir da noção de variação paramétrica associada aos traços dos itens funcionais. Conforme Chomsky (1986) salienta, o interesse da Teoria Gerativa deve ser a descrição da Língua-I, utilizando-se, para isso dos dados da Língua-E. Portanto, baseando-se na Teoria Gerativa, assumimos que a língua espanhola dentro da comunidade de fala mexicana é considerada Língua-E, ou seja, é a língua externa, visto que cada comunidade linguística pode fixar um microparâmetro constituindo diferentes Línguas-I. Para que seja possível descrever e analisar o PPC na variedade mexicana, buscamos identificar os traços aspectuais veiculados ao PPC da língua espanhola na variedade mexicana. Esta pesquisa desenvolve um estudo qualitativo e quantitativo, visto que os dados analisados servem de base para outros estudos. A forma de coleta dos dados ocorreu através de um corpus oral que advém do Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España e América (PRESEEA). Os resultados obtidos demonstram que o PPC na variedade mexicana apresenta a leitura aspectual [\pm durativo], logo, essa é a diferença microparamétrica em termos de traços em relação ao uso do PPC das demais variedades da língua espanhola, que tendem a apresentar o traço [-durativo].

PALAVRAS-CHAVE: Pretérito perfeito composto; Variação do espanhol; Gramática Gerativa; Microparâmetro; Aspecto Léxico; PRESEEA

RESUMEN

La variación del español no solo se restringe a diferencias léxicas y fonológicas, sino que también se manifiesta en las diferencias morfosintácticas. En este sentido, una de las diferencias morfosintácticas entre variedades del español que se ha debatido está relacionada con el uso del pasado compuesto (PPC). Teniendo en cuenta que este tiempo en la variedad mexicana parece ser diferente del español en general, el objetivo principal de esta tesis es analizar y describir cómo se materializa en la variedad mexicana el aspecto vinculado al PPC del español. En vista de ello, este trabajo sigue a la luz de la Teoría de Principios y Parámetros en su versión Minimalista, ya que, a nuestro juicio, permite una explicación más satisfactoria con respecto a la variación del PPC de la lengua española a partir de la noción de variación paramétrica asociada a los rasgos de los elementos funcionales. Como señala Chomsky (1986), el interés de la Teoría Generativa debe ser la descripción de la Lengua-I, utilizando, para ello, los datos de la Lengua-E. Por lo tanto, con base en la Teoría Generativa, asumimos que el idioma español dentro de la comunidad de habla mexicana es considerada Lengua-E, es decir, es la lengua externa, ya que cada comunidad lingüística puede establecer un microparámetro constituyendo diferentes Lenguas-I. Para poder describir y analizar el PPC en la variedad mexicana, buscamos identificar los rasgos aspectuales vinculados al PPC de la lengua española en la variedad mexicana. Esta investigación desarrolla un estudio cualitativo y cuantitativo, ya que los datos analizados sirven de base para otros estudios. La forma de recolección de los datos ocurrió a través de un corpus oral que proviene del Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España e América (PRESEEA). Los resultados obtenidos demuestran que el PPC en la variedad mexicana presenta la lectura aspectual [\pm durativa], por tanto, esta es la diferencia microparamétrica en términos de rasgos en relación al uso del PPC de las demás variedades de la lengua española, que tienden a presentar el rasgo [-durativo].

PALABRAS-CLAVE: Pretérito perfecto compuesto; Variación del español; Gramática Generativa; Microparámetro; Aspecto Léxico; PRESEEA

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E/LE – Espanhol como Língua Estrangeira

GU – Gramática Universal

LE – Língua Estrangeira

PPC – Pretérito Perfeito Composto

PM – Programa Minimalista

P&P – Princípios & Parâmetros

PPS – Pretérito Perfeito Composto

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Ocorrências gerais do PPC no espanhol mexicano | 79 |
| Tabela 2. Classificação dos verbos | 84 |
| Tabela 3. Valor da Forma Composta..... | 86 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1. Formas verbais do tempo passado | 13 |
| Quadro 2. Classificação de alguns eventos | 64 |
| Quadro 3. Classificação dos verbos e seus respectivos traços | 68 |
| Quadro 4. Informações de cada entrevista | 76 |

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|----|
| Imagem 1. Representação do PPS e do PPC..... | 16 |
| Imagem 2. Arquitetura da Faculdade da Linguagem no PM..... | 38 |
| Imagem 3. Representação da árvore sintática | 41 |
| Imagem 4. Esquema de aspectualidade | 64 |
| Imagem 5. Valores atribuídos ao PPC pela norma gramatical | 78 |

SUMÁRIO

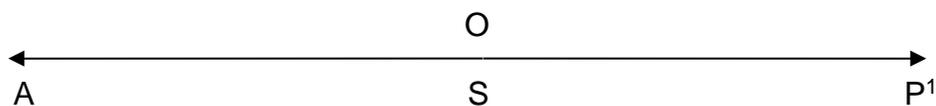
| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 | A GRAMÁTICA GERATIVA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA | 22 |
| 2.1 | A GRAMÁTICA UNIVERSAL | 26 |
| 2.2 | PRINCÍPIOS E PARÂMETROS | 31 |
| 2.3 | LÍNGUA-I & LÍNGUA-E | 35 |
| 2.4 | PROGRAMA MINIMALISTA | 37 |
| 2.5 | DIVERSIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA | 43 |
| 2.5. | Microvariação sintática no espanhol | 47 |
| 2.6 | CONCLUINDO A SEÇÃO | 51 |
| 3 | CATEGORIAS VERBAIS: TEMPO, MODO E ASPECTO | 52 |
| 3.1 | Introdução | 52 |
| 3.1.1 | Tempo | 52 |
| 3.1.2 | Modo | 56 |
| 3.1.3 | Aspecto | 58 |
| 3.2 | ASPECTO LEXICAL E GRAMATICAL | 60 |
| 3.2.1 | O aspecto lexical ou <i>Aktionsart</i> | 62 |
| 3.2.2 | Classificação dos verbos e seus respectivos traços | 65 |
| 3.3 | DIFERENÇA ASPECTUAL ENTRE O PPS E PPC | 69 |
| 3.4 | CONCLUINDO A SEÇÃO | 74 |
| 4 | APRESENTAÇÃO DOS DADOS | 75 |
| 4.1 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA ANÁLISE DOS DADOS | 77 |
| 4.2 | DADOS DA ANÁLISE | 79 |
| 4.2.1 | Descrição e análise dos dados | 80 |
| 4.2.2 | Aspecto léxico veiculado por cada tipo de verbo | 84 |
| 4.2.3 | O PPC nas duas cidades mexicanas | 86 |
| 4.3 | RELAÇÃO ENTRE A TEORIA GERATIVA E O FENÔMENO EM ESTUDO | 87 |
| 4.4 | CONCLUINDO A SEÇÃO | 90 |
| 5 | Considerações Finais | 91 |
| | REFERÊNCIAS | 96 |

1 INTRODUÇÃO

Em algumas línguas, o verbo pode ser flexionado em pessoa, número, tempo, aspecto, modo e voz. As ações e estados acontecem e existem no tempo e, de modo geral, o tempo verbal indica o momento em que se realiza uma ação ou o momento em que ocorre o estado, seja no presente, passado ou futuro. Rojo e Veiga (1999), García Fernández (2008), entre outros autores, afirmam que o tempo verbal é uma categoria gramatical dêitica. Isso significa que essa categoria estabelece um sistema centrado em uma referência interna, ou seja, na interpretação mais habitual se identifica com o momento da enunciação. Conforme García Fernández (2008), dêíticos são:

[...] aqueles elementos linguísticos que tomam parte de seu significado a partir da situação em que o enunciado é usado. Tomemos como exemplo, a expressão esta cidade só pode ser totalmente interpretada em relação à situação em que é utilizada, pois de outra forma não podemos interpretar a referência do demonstrativo esta. Por esta razão, se em uma conversa telefônica alguém disser que nesta cidade está morrendo de tédio, o ouvinte só poderá interpretar a referência disso se souber de qual cidade o locutor está ligando. (GARCÍA FERNÁNDEZ, 2008, p. 14 — tradução nossa)

Conforme Rojo e Veiga (1999), o tempo pode ser representado por uma linha com um ponto central (O), duplamente orientada e aberta por ambos os extremos. Conforme o gráfico apresentado abaixo, os acontecimentos podem ser situados na zona anterior (A), simultânea (S) ou posterior (P) ao ponto zero, que significa o momento da enunciação. As formas verbais, portanto, podem ter valor de anterioridade, simultaneidade e posterioridade.



No espanhol, o tempo passado se divide em cinco formas verbais no modo indicativo: o pretérito perfeito simples (ou indefinido), o pretérito perfeito composto, o pretérito imperfeito, o pretérito pluscuamperfecto e o pretérito anterior, que está em desuso:

Quadro 1 – Formas verbais do tempo passado

| MODO INDICATIVO | |
|-------------------|--------------|
| Pretérito Simples | <i>Canté</i> |

| | |
|------------------------------|----------------------|
| Pretérito Perfecto Compuesto | <i>He Cantado</i> |
| Pretérito Imperfecto | <i>Cantaba</i> |
| Pretérito Pluscuamperfecto | <i>Había Cantado</i> |
| Pretérito Anterior | <i>Hubo Cantado</i> |

Fonte: autoria própria

O pretérito simples, na gramática tradicional, é definido como um passado acabado, finalizado e não possui nenhuma relação com o presente; as gramáticas tradicionais afirmam que esse tempo verbal, geralmente, utiliza marcadores temporais como: *ayer*, *año pasado*, *mes pasado* etc.

Vejam-se os exemplos em (1):

- (1) a. *Ayer* fui al cine con mi novio.
b. *Compré* una blusa para mi madre.

Em (1), temos dois exemplos do pretérito perfeito simples (PPS), sendo o exemplo (1a) acompanhado de um marcador temporal *ayer*. Esse tempo verbal expressa uma ação finalizada no passado. Gili Gaya (1978, p.157) chama o PPS de pretérito perfeito absoluto, ou seja, é a forma absoluta do passado independente de qualquer outra ação, como ilustrado em (1b).

Autores como Milani (2008), Murriel e Rebagliati (1992) e Gómez Torrego (2005), dentre outros autores da gramática tradicional, afirmam que o pretérito perfeito composto do espanhol é um tempo verbal que indica uma ação passada que guarda relação com o presente e, normalmente, vem acompanhado com marcadores de tempo, como: *hoy*, *esta mañana*, *este año*, *siempre* etc.

Vejam-se o exemplo a seguir:

- (2) *Ha llovido* mucho esta noche.

Em (2), o pretérito perfeito composto (PPC) é usado como ação passada e perfeita, além disso, utiliza o marcador temporal *esta noche*, que dá ideia de um passado que tem relação com o presente (o momento da fala é a noite, que não terminou ainda). Ainda sobre essa forma composta, uma gramática de espanhol para brasileiros diz o seguinte:

Pretérito perfeito expressa ação passada e perfeita, que guarda relação (real, pensada ou percebida por quem fala) com o presente. Indica também um passado imediato, que acaba de ocorrer, ou seja, denota um fato ocorrido num espaço de tempo que ainda não terminou. Não se deve usar o pretérito com marcadores de tempo que indiquem um período acabado, isto é, que não incluam o momento presente da enunciação. (MILANI, 2008, p. 211-212)

Enquanto as gramáticas tradicionais afirmam que geralmente o PPC vem acompanhado de marcadores temporais como os citados acima, Moreno de Alba (1975) destaca que, na variedade mexicana, não se emprega o PPC quando há modificadores temporais que inclui o momento presente (*hoy, este año, esta tarde*, etc), mas que nesses casos usa-se o PPS. O autor destaca também que não usar esses modificadores com o PPC diferencia do PPC do espanhol europeu.

Bello (1984) usa a termo pretérito para denominar a forma simples e usa a terminologia *antepresente* para denominar a forma composta. A forma simples significa anterioridade do atributo (predicado) ao ato da palavra, e a forma composta tem relação com algo que ainda existe. O termo *antepresente* expressa anterioridade da situação denotada com respeito a um ponto de referência situada no presente (BOSQUE; DEMONTE,1999).

Vejam-se os exemplos apresentado por Bello (1984):

- (3) Roma se hizo señora del mundo. (BELLO,1984, p.182)
- (4) La Inglaterra se ha hecho señora del mar. (BELLO,1984, p.182)

Em (3), a forma verbal representa uma ação que já passou, nesse caso seria o que o autor define de *pretérito*; e em (4), a forma composta tem relação com algo que ainda existe. Apesar de expressar anterioridade, essa forma verbal expressada nessa oração tem relação com o presente, por isso é denominado por Bello como *antepresente*. Os dois tipos de pretéritos estão se referindo a um passado terminado, porém um está se referindo a um passado vinculado ao tempo já acabado, e o outro a um passado vinculado a um tempo presente.

Para melhor entendermos o tempo de anterioridade do PPS e do PPC, apresentaremos uma representação desses dois tempos verbais feita por Oliveira (2007). A autora se baseou na representação do sistema verbal da língua inglesa feita por Reichenbach (1947) e propõe uma analogia com o sistema verbal da língua espanhola.

Vejam-se essa representação por meio da imagem 1:

Imagem 1: Representação do PPS e PPC

| Pretérito Perfeito Simples | Pretérito Perfeito Composto |
|----------------------------|---|
| <i>Yo vi a Juan (ayer)</i> | <i>Yo he visto a Juan (esta mañana)</i> |
| | |

Fonte: OLIVEIRA (2007, p.23)

Conforme a autora, a imagem 1 esquematiza uma possível comparação entre o espanhol e inglês em relação aos dois pretéritos, o que diferencia o PPS da forma composta é que, na forma simples, o ponto de *Referência* (R) e o ponto de *Evento* (E) são anteriores ao ponto da *Fala* (S). Na forma composta, o ponto de *Evento* (E) é anterior ao ponto de Referência (R) e anterior ao ponto da *Fala* (S). Essa representação nos ajuda compreender o porquê de o PPC ter relação com o presente, ou seja, o ponto *Referência* (R) e o ponto da *Fala* (S) coincidem na linha temporal ao menos em termos do que tenta orientar a perspectiva normativista, conforme sinaliza Oliveira (2007). Tanto o PPS como o PPC são caracterizados pelo aspecto perfectivo e o pretérito imperfeito com o aspecto imperfectivo.

Vejam-se os exemplos em (5):

- (5) a. Ha llovido mucho esta noche.
 b. Anoche cenamos en lo de Pepe.
 c. Siempre estudiaba de madrugada.

(MILANI, 2008, p. 2010-2012)

Em (5a), a forma verbal expressa um tempo passado e um aspecto perfectivo, porém a forma composta *ha llovido* tem relação com o momento da enunciação do falante. Em (5b), a forma verbal expressa um tempo passado e um aspecto perfectivo, porém não tem relação com o momento da fala. Por fim, em (5c), a forma verbal expressa um tempo passado e um aspecto imperfectivo. Sobre os tempos perfeitos e imperfeitos, Gili Gaya (1978) comenta o seguinte:

En los tiempos imperfectos, la atención del que habla se fija en el transcurso o continuidad de la acción, sin que le interesen el comienzo o el fin de la misma. En los perfectos resaltan la delimitación temporal. Comía es una acción imperfecta; he comido es un acto acabado, perfecto. Nótese que el perfecto tiene en Gramática el riguroso sentido etimológico de <<completo>> o <<acabado>>. (GILI GAYA, 1978, p. 148-149)

Isto é, o autor explica que nos tempos imperfeitos, a atenção do falante está fixada no curso da ação, sem se interessar pelo início ou pelo fim da mesma. Já nos tempos perfeitos, destaca-se a delimitação temporal. Para melhor entendermos sobre isso, faz-se necessário trazer a definição de *aspecto*. De Miguel (1999) define *aspecto* como um amplo conjunto de informações relacionadas ao evento descrito por um predicado. Existem diferentes maneiras de nomear um evento com relação ao *aspecto léxico*, por exemplo, o aspecto informa a maneira como um evento se desenvolve ou como ocorre, podendo implicar uma mudança, no caso do verbo *amadurecer*, podendo implicar um limite alcançado, no caso do verbo *chegar*, podendo implicar ação única, no caso do verbo *disparar*, podendo implicar uma ação repetitiva, no caso do verbo *metralhar*, e assim por diante.

Vejam-se alguns dos exemplos de aspecto dado por De Miguel (1999):

El aspecto informa también sobre la extensión temporal del evento: un periodo no acotado en el tiempo (como el caso de ser inteligente), un intervalo acotado (en el caso de madurar) o un instante (en el caso de explotar); sobre cuál es la fase principal del evento descrito: el inicio (como florecer), la fase media (como envejecer) o la fase final (como en nacer); asimismo, el aspecto puede informar sobre la intensidad con que el evento tiene lugar: por ejemplo, peinar es un evento de intensidad neutra con respecto al intensivo repeinar y atenuativo atusar. (DE MIGUEL, 1999, p. 2979)

Segundo Lope Blanch (1989), apesar de a língua espanhola continuar sendo um sistema linguístico de comunicação comum a vinte nações, existem diferenças léxicas, fonéticas e morfosintáticas em suas distintas variedades. O autor comenta o seguinte:

La lengua española sigue siendo el sistema lingüístico de comunicación común a veinte naciones, no obstante las particulares diferencias — léxicas, fonéticas y, en menor grado, morfosintáticas — que esmaltan el uso en unas y otras. Diferencias que se producen entre todos eso veinte países, sin permitirnos establecer dos grandes modalidades bien contrastadas — español y americana — por cuanto que, además, existe mayor afinidad entre algunas modalidades americanas y españolas que entre ciertas modalidades hispanoamericanas entre si. (LOPE BLANCH, 1989 apud FONTONELLA DE WEINBERG 1992, p.14)

Nesse sentido da variação linguística, Lope Blanch (1961,1992) sustenta a ideia de que uma das mudanças morfossintáticas na variedade mexicana que vêm ocorrendo desde o século XVI está relacionada com o uso dos pretéritos perfeitos, uma vez que no México essas formas verbais parecem ter valores aspectuais distintos das demais variedades, inclusive da variedade europeia. O PPS expressa um valor aspectual perfectivo, ou seja, um evento acabado, terminado e completo que não tem nenhuma relação com o presente. Já o PPC expressa um valor aspectual durativo que indica a continuidade do evento, um passado que chega ao presente e pode continuar até o futuro. Lope Blanch (1992) comenta:

La distribución funcional de los dos pretéritos del indicativo, simple (canté) y (he cantado), no se había fijado aún en el castellano que llegó al Nuevo Mundo. Y su diferenciación siguió en México vías propias: en tanto que en España las diferencias entre ambas formas fueron haciéndose de carácter básicamente temporal, en México obedecieron a razones de índole esencialmente aspectual. Donde el español castellano dice “! Ya te has caído, hombre! ¿Te hiciste daño?”, el español mexicano dice “! Ya te caíste! ¿Te hiciste daño?” La razón fundamental radica en el hecho de que en el español castellano ambas formas son perfectivas, pero la simple hace referencia a un pasado remoto o desligado del ahora en que se habla, mientras que la compuesta se refiere a un pasado próximo o actualizado. En México, en cambio, la forma simple expresa acción perfecta, acabada, cumplida, aunque sea en un pasado inmediato (“¿Te hiciste daño?”), en tanto que la compuesta hace referencia a una acción imperfecta o reiterada, inacabada, a un pasado que llega al presente y puede prolongarse hacia el futuro. (LOPE BLANCH, 1992, p.187)

Assim como Lope Blanch (1961,1992), Moreno de Alba (1975) também assume que PPC da língua espanhola não é sistematicamente perfectivo porque não se manifesta com o mesmo valor aspectual em todos os seus dialetos. Moreno de Alba (1975) comenta o seguinte:

Resumiendo aquello que puede envolver todas las definiciones anteriores, puede decirse que para el español peninsular, el antepresente es un tiempo perfecto, que designa acciones pretéritas que guardan relación con el presente (sea por su efecto, sea por su proximidad). Para el español mexicano, es imperfecto y su valor temporal, aún presente. (MORENO DE ALBA,1975, p.187)

Em sua pesquisa sobre as formas verbais no espanhol falado no México, Moreno de Alba (1975) esclarece que os resultados encontrados no *corpus* analisado se manifestam com um valor aspectual imperfectivo, porém nem todos os PPC analisados, conforme o autor, foram interpretados como imperfectivo da mesma

natureza. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (6) a. Y ellos *han sido* siempre muy amable com nosotros.
 b. Me lo *han platicado* muchachos que *han ido* allá.
 c. Vamos tener que reforzar los conocimientos porque *ha habido* pequeñas rectificaciones en la nomeclatura.
 d. Suponte que tú tienes el cargo de defender a un hombre que *ha matado*.

(MORENO DE ALBA, 1975, p.69-70 grifos nosso)

Moreno de Alba (1975) salienta que esses exemplos extraídos do seu *corpus* não têm o mesmo valor aspectual. Em (6a), a forma verbal manifesta um aspecto plenamente imperfectivo, que equivale a *son* ou *vienen siendo*. Em (6b), a forma verbal manifesta um aspecto interativo e imperfectivo, no sentido de que equivalem a *han platicado e puede seguir haciéndolo e han ido y puede volver a ir*. Em (6c), a forma verbal também manifesta um aspecto iterativo e imperfectivo. Por fim, em (6d), a forma verbal manifesta um valor perfectivo, no sentido de que equivale a *mató*.

Alves (2018), em sua dissertação, problematiza essa questão trazendo os dois tipos de *pretéritos* do espanhol mexicano tanto da cidade de *Monterrey* como da *Cidade do México*. Porém, não faz uma análise do *corpus* na perspectiva que traz Lope Blanch (1992) sobre a mudança no valor aspectual do PPC. A autora somente quantifica os dados coletados. Ela mostra que há 3174 ocorrências do PPS, sendo 2030 da Ciudad de México e 1144 da cidade de Monterrey; enquanto a ocorrência do PPC totaliza apenas 470, sendo 272 da Ciudad de México e 198 da cidade de Monterrey.

A opinião defendida por Lope Blanch (1961, 1992) sobre o PPC da variedade mexicana e os exemplos extraídos do *corpus* de Moreno de Alba (1975) sustentam a ideia de que o PPC da variedade mexicana apresenta um aspecto durativo (*imperfectivo*), sendo assim, diferente das demais variedades americanas e, principalmente, da variedade peninsular. Nessa perspectiva, levantamos o seguinte questionamento: o PPC no México tem apenas o valor durativo, ou apenas o pontual, ou os dois valores?

Ao verificar que há o valor durativo por meio dos dados coletados e analisados, seria interessante verificar quais os predicados que podem aparecer com esse valor. Por que alguns predicados verbais não aceitam o aspecto durativo,

a não ser que tenham outros elementos? Por exemplo: em *Maria ha nacido*, a conclusão que se tem é de que *ha nacido* remete a uma ação finalizada no passado e não de uma ação com aspecto durativo; *nascer* não é um processo naturalmente durativo, assim como *escrever* não é uma ação pontual. Já a frase *Ha nacido mucha gente* pode remeter uma ação imperfectiva, nasceu e continua nascendo muita gente, isto é, valor iterativo que se encontra sob a noção de imperfectividade.

À vista disso, com o objetivo de verificar o traço na categoria de aspecto responsável pela variação do uso do PPC na variante mexicana, este trabalho segue à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão *Minimalista*, conforme Chomsky (1995) essa versão assume que os traços codificados no léxico funcional são os responsáveis pela variação e diversidade linguística.

Considerando que os usos do PPC do espanhol mexicano são diferentes do espanhol em geral e que há essa variedade dentro da comunidade de fala mexicana, assumimos, conforme Lope Blanch (1992) aponta, a hipótese que o PPC possui aspecto durativo e os predicados que aparecem com esse tempo só podem ser predicados cujo aspecto léxico não seja pontual, a menos que, composicionalmente, haja uma mudança do valor pontual para durativo.

Esta pesquisa tem o objetivo de descrever e analisar o PPC na Cidade do México e Monterrey a partir de 16 entrevistas do *corpus* do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA)* coletadas entre 2005 a 2010. Além disso, verificaremos qual o valor aspectual vinculado pelo PPC e por fim, iremos comparar os resultados obtidos nessas duas cidades mexicanas a fim de verificar se há variação dialetal.

Há muitos trabalhos sobre os tempos verbais, principalmente, sobre os tempos passados na língua espanhola. Mas até então, poucos são os trabalhos sobre os pretéritos da língua espanhola, tendo como referencial teórico a perspectiva gerativista. À vista disso, o interesse por esta pesquisa justifica-se por discutir um aspecto relevante e ainda pouco estudado de maneira empírica do espanhol mexicano. Para além das repercussões no âmbito da descrição e análise linguística, esta pesquisa poderá colaborar para os processos de ensino-aprendizagem de espanhol uma vez que lidar com dados linguísticos que podem servir de *input* para a aquisição.

Esta dissertação é organizada em quatro capítulos como se segue. Na seção 1, é introduzido o tema, são apresentados os objetivos geral e específico, bem como

a hipótese de pesquisa. A seção 2 se destina ao marco teórico no qual se baseia este trabalho, a Teoria de Princípios e Parâmetros, na qual faz-se uma breve apresentação sobre a Faculdade da Linguagem, a Gramática Universal (GU), o Programa Minimalista (PM) e, também, sobre alguns estudos voltados ao tema central deste trabalho. Na seção 3, é retomada a noção de aspecto léxico e a discussão sobre o PPC da língua espanhola. Na seção 4, é apresentada a metodologia e o *corpus* utilizado, além da análise dos dados coletados nas duas cidades do México: Monterrey e Cidade do México, DF. E por fim, são feitas as considerações finais.

2 A GRAMÁTICA GERATIVA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Syntactic Structures foi um trabalho escrito por Chomsky e publicado em 1957, época em que o estruturalismo tinha grande influência. Para os estruturalistas, era possível descrever uma língua a partir de um corpus limitado mediante o processo taxionômico ou classificatório. Para eles, conhecer a estrutura superficial de uma frase era suficiente para uma análise linguística. Ou seja, eles descreviam somente a estrutura superficial de uma frase deixando de lado a sua estrutura subjacente. Por exemplo:

- (1) a. Apolo disse que viria ao luau e o Douglas disse que **ele** viria também.
b. Alice ama **sua** mãe e a Clara também.

Em (1a), há um exemplo de uma ambiguidade, no qual o pronome pessoal *ele* pode se referir tanto a Apolo, ou ao Douglas, ou a outro indivíduo. Em (1b), há outro exemplo de ambiguidade, no qual o anafórico *sua* é ambíguo, pois pode se referir a mãe da Alice, da Clara ou de outro indivíduo.

Ao conhecerem somente a estrutura superficial de uma frase na análise, eles acabavam se limitando e não tendo respostas para explicar frases e orações ambíguas como as que citamos acima. Chomsky (1957) negará essa tese assegurando que qualquer língua natural contém um número infinito de orações, de modo que nenhum *corpus*, por mais amplo que seja, poderá servir de base para uma descrição linguística completa. O modelo proposto por Chomsky (1957) não se baseia na estrutura superficial porque ela não consegue dar conta das possíveis alternativas de interpretação de uma frase ou oração, principalmente a ambígua.

Em síntese, a partir da segunda metade do século XX, a linguística saiu dos padrões estruturalistas e se inseriu no arcabouço do gerativismo linguístico. As ideias Chomskyanas revolucionaram o estudo da linguagem e inseriu a linguística no contexto da segunda revolução cognitiva. Conforme Chomsky (1997), além da revolução cognitiva renovar, ela deu nova forma a muitos dos insights, realizações e divagações anteriores. Conforme Chomsky (1997), apesar dos séculos XVII e XVIII já se ter a percepção de que a linguagem envolvia o uso infinito de meios finitos, somente a partir dos meados do século XX com os avanços nas ciências formais que foram fornecidos conceitos apropriados em forma bem precisa e clara, tornando

possível dar conta com precisão dos princípios computacionais que geram as expressões de uma língua e capturar com isso, ao menos em parte, a ideia do uso infinito dos meios finitos.

Vale destacar que até a metade dos anos 60 do século XX, a linguística ocupava-se quase exclusivamente da dimensão social e histórica da linguagem humana. A corrente estruturalista, dominante na primeira metade do século passado, assumia a concepção externalista para língua, ou seja, concentrava-se nos usos externos da linguagem. Para essa corrente, todos tipos de comportamento humano ou animal eram gerados externamente, por meio de cadeias associativas entre dados, estímulos e respostas. A aprendizagem de uma língua se dava por meio de recompensas ou reforços advindos do ambiente externo.

Se a aprendizagem se dá por meio da repetição advindos do ambiente, como que as crianças conseguem criar novas frases e discursos que nunca ouviram ou produziram antes? A partir da década de 1950, com os questionamentos levantados por Chomsky há uma ruptura da visão que se tinha sobre a linguagem humana.

Será que realmente a língua é um conjunto de hábitos? Será que basta a descrição linguística? Será que conhecer estruturas é suficiente? Esses foram um dos questionamentos levantados pelo precursor da *Teoria Gerativa*. Conforme Kenedy (2013), Chomsky (1959) ao publicar sua famosa resenha sobre o livro *Língua e Comportamento Verbal* demonstrou o caráter criativo da linguagem humana, sua natureza mental e abstrata, por oposição ao modelo de linguagem como comportamento condicionado pelo ambiente defendido pelos Behavioristas.

Desde Chomsky (1957), foi adotada a concepção internalista para explicar que a linguagem é vista como um conhecimento interno à mente humana e não como um condicionamento social, adquirida por meio de estímulos e respostas como defendiam os estudiosos da época. Se realmente a língua é um conjunto de hábitos adquiridos, um papagaio ou qualquer outro animal por ter um aparelho fonador formado poderia ser capaz de adquirir, compreender e criar novas frases e discursos. Os animais por mais que sejam submetidos a algum tipo de treinamento, jamais terão essa capacidade.

Segundo Kenedy (2013), a principal característica das línguas humanas é a criatividade, isto é, a capacidade de criar e compreender novas frases e discursos, diferentes daqueles que já ouvimos.

Apesar de Chomsky ter inserido a linguística no contexto da revolução

cognitiva nos anos 60 do século XX e ter proposto uma explicação sobre o conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso, muitos estudiosos, professores e linguistas questionam a linguagem como um conhecimento interno à mente humana.

De acordo com Raposo (1992), a questão da aquisição da linguagem foi, e continua sendo, uma das questões mais debatidas na história do pensamento filosófico e linguístico. O impasse que vem sendo discutido é sobre o papel específico da mente humana no processo de aquisição da linguagem. O autor destaca que na perspectiva empirista, muitos defendem que os fatores externos à mente humana desempenham um papel fundamental na aquisição da linguagem. Por outro lado, os chamados racionalistas defendem que a mente humana desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem.

Segundo Raposo (1992), na perspectiva racionalista:

[...] as propriedades centrais da linguagem são determinadas por princípios e estruturas mentais de conteúdo especificamente linguístico, as quais funcionam como uma espécie de <<planta>> arquetônica no processo de aquisição, dirigindo o desenvolvimento linguístico num sentido predeterminado. Essas estruturas mentais pertencem exclusivamente a espécie humana e são geneticamente determinadas, ou seja, radicam na organização biológica da espécie.(RAPOSO, 1992, p.35)

As ideias do pensamento racionalista muito influenciaram Chomsky na Teoria Gerativa. Chomsky (2005) não nega o papel do meio ambiente no desenvolvimento linguístico, porém não basta apenas uma criança em fase de aquisição ser exposta ao ambiente. A aquisição da língua acontece porque todo ser humano, com exceção daqueles que nascem com algum distúrbio, tem uma capacidade inata para desenvolver o conhecimento linguístico.

O gerativismo assume uma visão voltada ao cognitivo e é um dos modelos mais influentes nas ciências cognitivas (KENEDY, 2013). Por seguir uma visão mentalista, o gerativismo acredita que o desenvolvimento linguístico de qualquer ser humano está relacionado com o conhecimento interno, localizado na mente humana, e não a fatores externos do meio.

É preciso que o ser humano seja exposto ao meio ambiente para poder desenvolver uma gramática particular, porém se o indivíduo não tivesse uma capacidade inata inerente à espécie humana, jamais poderia adquirir e compreender uma língua. Essa capacidade inata denominada pelo gerativismo como Faculdade da

Linguagem pertence exclusivamente a espécie humana e faz parte do seu código genético.

O termo internalista, assim como o termo naturalismo foram usados, especialmente na década de 90, para se referir a concepção de língua como um órgão mental. Segundo Eguren e Soriano (2004):

[...]desde una perspectiva internalista, el lenguaje seria, antes de nada, una facultad de la especie y una propiedad de la mente de los individuos, y no algo externo a la mente o al código genético (un conjunto de enunciados o código compartido, por ejemplo). En consecuencia, si el lenguaje es un fenómeno interno, genético y mental, y si desecha, como parece inevitable, el dualismo sustancial cartesiano, el lenguaje no puede ser tratado entonces sino como un objeto real, en este caso como un órgano o sistema biológico, que, como el resto de los objetos del mundo, puede y debe ser estudiado de manera naturalista, es decir, de la manera en que ciencias naturales como la biología o la física estudian el mundo. (EGUREN; SORIANO, 2004, p. 14-15)

Conforme Eguren e Soriano (2004) apontam, a linguagem é uma faculdade da espécie e uma propriedade da mente dos indivíduos, ou seja, um órgão mental; não é algo externo como muitos defendem. Partindo de uma perspectiva internalista, a linguagem deve ser tratada como um objeto real do mundo e deve ser estudada de maneira naturalista, assim como estudamos as ciências naturais.

Segundo Raposo (1992), adquirir uma língua é mais questão de maturação e de desenvolvimento de um órgão mental biológico do que uma questão de aprendizagem. Chomsky (1997), ao considerar a Faculdade da Linguagem como um órgão mental, faz o seguinte comentário:

Faculdade de linguagem pode razoavelmente ser considerada como “um órgão linguístico” no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido desse modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte da estrutura mais complexa. (Chomsky, 1997, p. 50)

Chomsky (1997) assume que os seres humanos nascem dotados de uma faculdade da linguagem, que é um componente da mente/cérebro especificamente dedicado à língua. Conforme Chomsky (1997) salienta, a faculdade da linguagem é considerada um órgão mental que faz parte da estrutura mais complexa do indivíduo. Daí o porquê Eguren e Soriano (2004) comentarem que a faculdade da Linguagem deve ser estudada de maneira naturalista, pois o gerativismo

considera que essa *Faculdade* é inerente a espécie humana.

Nesta perspectiva, apoiamo-nos nos pressupostos da *Teoria Gerativa* para podermos compreender, explicar e analisar o uso do PPC na variedade mexicana, já que é uma teoria que consegue dar conta de explicar de maneira empírica, não somente as semelhanças, mas também as diferenças entre as línguas. Portanto, faz-se necessário explicar os principais pressupostos da *Teoria Gerativa* que contribuirão para descrição e análise do nosso fenômeno em estudo.

2.1 A GRAMÁTICA UNIVERSAL

Os estudos da *Gramática Gerativa* representaram um grande avanço na linguística. As línguas passam a ser estudadas de maneira científica da mesma maneira que se estuda a física, a biologia e outras ciências. A linguagem passa a ser vista como uma faculdade inata, inerente ao ser humano. O que se defendia antes sobre a linguagem e sua aquisição por meio de estímulos e respostas, saem de foco, dando espaço aos estados da mente/cérebro que fazem parte da morada da linguagem.

A mente/cérebro passa a ser objeto de investigação para entender aquisição da linguagem. Com as reformulações dos estudos da teoria gerativa, começamos a entender como acontecem a mudança e variação entre as línguas numa perspectiva inatista. Nos estudos gerativistas, o ponto central passa a ser a linguagem, sua natureza, origem e uso. Em Chomsky (1986, p.23) verifica-se três questões fundamentais que são de grande importância em toda a pesquisa gerativa:

- (2) a. O que constitui o conhecimento da língua?
- b. Como é adquirido o conhecimento da língua?
- c. Como é usado o conhecimento da língua?

Em (2a), busca saber quais os estados mentais correspondem a conhecer uma língua. A resposta a esta questão é dada por uma gramática gerativa particular. Nesse sentido, faz-se necessário compreender os conceitos adotados por Chomsky (1978,1986) denominados de *Competência* e *Desempenho Linguístico*. Conforme Chomsky (1978), a *Competência* é a capacidade que o indivíduo tem de produzir variadas sentenças com uma quantidade finita de

elementos. Nas palavras do autor, a *Competência* é um sistema de regras interiorizados pelos falantes que permite produzir um conjunto infinitamente de sentenças. O indivíduo sabe produzir sentenças de acordo com a gramática interna, onde ele sabe distinguir uma sentença bem formulada de uma mal formulada. Já o *Desempenho* é um conjunto de imposições que limita o uso da *Competência*, é a imperfeita manifestação do sistema, em outras palavras, é o uso concreto da língua. De modo geral, conclui-se que *Competência Linguística* é um conhecimento inconsciente que cada indivíduo tem independente de ser escolarizado ou não. Já o desempenho corresponde à habilidade linguística e está relacionado ao modo como esse conhecimento é posto em uso.

A questão (2b) tem sido muito importante para os estudos gerativistas compreender diversos fenômenos das línguas naturais relacionados aquisições das línguas, seja língua materna ou segunda língua. Ao tratar tanto da questão (2a) e (2b) Chomsky cita o problema de Platão. Ele questiona como um indivíduo com um contato tão limitado de mundo é capaz de saber tanto. Em resposta ao problema de Platão, a *Teoria Gerativa* consegue mostrar por meio de estudos científicos que todos nós temos uma capacidade inata para linguagem, o que justifica uma criança saber tanto diante de tão pouco. Não interessa aos estudos gerativistas a resposta que Platão formulou para o seu problema, mas o que importa para os estudos da *Teoria Gerativa* é a formulação do problema e a busca moderna de respostas para algumas questões relacionadas à aquisição da linguagem. A resposta a questão (2b) é dada por uma especificação da GU e pela consideração dos meios através dos quais os seus princípios interagem com a experiência, de modo a darem origem a uma língua particular.

A questão (2c) procura compreender como o conhecimento linguístico é usado pelos falantes de maneira concreta. Para responder a essa questão, a *Teoria Gerativa* assume que o conhecimento da língua é usado com a expressão do pensamento e a compreensão de amostras de línguas que não são apresentadas na comunicação e em outros usos especiais da língua.

Vale destacar que o interesse pelas línguas, por sua origem e por saber como se constitui a mudança linguística não é um assunto recente, pois o homem sempre procurou respostas para essas e outras questões sobre a linguagem humana. As línguas naturais possuem uma diversidade e heterogeneidade muito vasta. Existem mais de 6 mil línguas naturais vivas pelo mundo. Além dessa grande

quantidade de línguas existentes, grandes são as diferenças entre elas. Existem diferenças fonológicas, lexicais e morfossintáticas, e essa diversidade faz dessas línguas existentes um dos maiores tesouros da história da cultura humana. Apesar dessa diversidade e heterogeneidade entre as línguas humanas, ao fazermos um retorno no tempo, perceberemos que há séculos atrás, muitos estudiosos começaram a ter interesse em saber se em meio a essa heterogeneidade e diversidade linguística havia uma homogeneidade entre as línguas humanas.

Kenedy (2013) salienta que:

A percepção de que as línguas do mundo compartilham um grande número de semelhanças é muito anterior ao surgimento da linguística gerativa. Diversos gramáticos e filósofos desde, pelo menos, a época do Renascimento estavam conscientes de que as línguas humanas guardavam entre si considerável parentesco sintático, que parecia esconder-se sob as idiosincrasias do léxico e da morfologia dos diferentes idiomas (KENEDY, 2013, p.92).

Apesar de muitos estudiosos considerarem que o século XIX é o marco inicial da linguística como ciência, Chomsky (1997) reconhece que o conhecimento sobre os universais linguísticos existentes na mente humana é um assunto que foi tratado muito antes dele formular uma teoria que revolucionou a linguística nas ciências cognitivas. Por exemplo, Claude Lancelot (1615-1695) e Antoine Arnauld (1612-1694), na época clássica do racionalismo europeu, observaram a existência de aspectos comuns entre algumas línguas. Inclusive, elaboraram uma gramática, conhecida como Port Royal. As reflexões desses estudiosos mostraram a língua como um produto da razão, além disso, suas reflexões levaram a pensar que haviam propriedades ligadas a mente humana que funcionavam como núcleo comum às línguas (MOURA; CAMBRUSSI, 2018).

Nesse sentido, Chomsky (junto com suas inquietações e questionamentos) buscou, desde seus primeiros trabalhos, mostrar que a linguagem é uma capacidade inata inerente ao ser humano e que apesar da diversidade entre as línguas, há propriedades universais entre elas.

As ideias e reflexões da época clássica do racionalismo europeu sobre as línguas humanas influenciaram Noam Chomsky para que pudesse desenvolver uma teoria que explicasse o uso e funcionamento das línguas naturais.

Kenedy (2013) aponta o seguinte:

As reflexões de Port-Royal, Descartes, Humboldt e outros abriram o caminho para que, no século XX, a busca pelos universais da linguagem atingisse o seu clímax. Já nos anos 1960, Chomsky começava a formular uma nova teoria que buscava explicar a maneira pela qual a universalidade linguística assenta-se por detrás das grandes diferenças visíveis entre as línguas particulares. Foi com o conceito de Gramática Universal (GU) que o gerativismo ressignificou a busca racionalista pelos universais linguísticos. (KENEDY, 2013, p.94)

Apesar de a Faculdade da Linguagem ser uma dotação genética e a mente/cérebro ser a morada da linguagem, uma criança, por exemplo, não nasce dominando uma língua particular. As crianças têm uma predisposição para aquisição de qualquer língua, seja português, espanhol, alemão, etc. Mas a língua particular que uma criança irá desenvolver ainda precisa passar por um processo.

Conforme Chomsky (1997):

[...] cada língua é resultado da interação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Podemos conceber o estado inicial como um mecanismo de aquisição de linguagem que recebe como dados de entrada (input) a experiência, e fornece como saída o (output) a língua — saída esta que constitui um objeto internamente representado na mente/cérebro. (CHOMSKY, 1997, p. 51)

É por isso que uma criança ao nascer tem a capacidade de desenvolver qualquer língua. Isso é possível porque ela tem alguma informação de natureza linguística que serve de base para desenvolver, por exemplo, o português, o espanhol, o alemão ou qualquer outra língua. No início do processo de aquisição, o acesso ao input (dados linguísticos de certa língua) irá determinar ou selecionar a língua particular da criança.

Segundo a *Gramática Gerativa*, esse início de processo é um conjunto de informações linguísticas compatível com todas as línguas. É um Estágio Inicial de aquisição da linguagem, denominada pelos gerativistas como Gramática Universal (GU). Todos os seres humanos, com exceção dos que possuem alguma patologia, possuem exatamente a mesma GU ao nascerem. Trata-se de uma estrutura cognitiva, e faz parte da herança genética de cada membro da espécie humana, do mesmo modo que a visão é parte dessa herança. (LOBATO, 1986, p.399)

A GU é chave para compreender as semelhanças encontradas entre as línguas naturais. Chomsky assume que as línguas particulares são formadas a partir do mesmo estágio inicial inscrito na GU. (KENEDY, p.95, 2013). Daí o porquê de as línguas compartilharem muitas semelhanças entre si.

Conforme Chomsky (2002), o conjunto de representações mentais que o indivíduo tem de sua língua, forma a sua gramática interna. Essa gramática interna gera instruções inconscientes de uso da linguagem e cada expressão constitui um complexo de propriedades, aos quais fornecem instruções para o sistema de desempenho de cada indivíduo. Essa gramática mentalmente representada deve ser capaz de avaliar o que constitui frases aceitáveis, ou seja, frases gramaticais das frases inaceitáveis, denominadas de frases agramaticais.

Vejam-se o exemplo:

- (3) a. João gosta de comer maçã.
b. *O gosta de comer maçã.

Em (3a), temos um exemplo de frase gramatical de ordem SVO comum na língua portuguesa. Já em (3b), temos um exemplo de frase agramatical. Para um falante de português é inaceitável uma frase desse tipo, mesmo que não tenha um conhecimento escolar, independente do seu grau de instrução, o conhecimento que o indivíduo exibe de sua língua é superior ao que poderia evidenciar conscientemente. Vale destacar, que qualquer indivíduo, com exceção dos que possuem alguma anomalia, consegue distinguir os limites de sua gramática particular tendo a capacidade, mesmo de maneira tácita, de perceber o que constitui uma frase bem formada.

A capacidade que o indivíduo tem de compreender e delimitar as regras combinatórias e articulatórias de sua língua particular é denominada pela *Teoria Gerativa* como *Competência Linguística*. Chomsky (1965) propõe que uma teoria linguística deve ser validada por critérios de adequação, conforme o autor, se uma teoria linguística consegue selecionar com êxito uma gramática descritivamente adequada com base nos dados linguísticos primários, é sinal que ela satisfaz a condição de adequação explicativa. A teoria linguística deve ser capaz de explicar como o falante sai do estágio inicial e chega ao estágio final, tendo em vista a predisposição inata do indivíduo. Sendo assim, para explicar a variação linguística e as regras combinatórias existentes entre as línguas naturais, a *Teoria Gerativa* postula a Teoria de Princípios e Parâmetros (*P&P*).

Vale salientar que o conceito de GU dentro da teoria de Princípios e Parâmetros, ao nosso ver, permite uma explicação mais satisfatória no que diz

respeito à variação do PPC da língua espanhola. Na próxima subseção, veremos que o conceito de GU foi se desenvolvendo ao longo dos anos dentro da *Teoria Gerativa* e atualmente esse conceito de GU é capaz de explicar não somente as semelhanças, mas também as diferenças entre as línguas e as diferenças entre as variedades de uma mesma língua, como é o caso do uso do PPC na variedade mexicana.

2.2 PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

Menegotto (2004), compartilha o objeto aqui discutido, bem como o mesmo campo teórico em que estamos nos apoiando para explicar o uso do PPC na variedade mexicana. A autora, ao se basear em Chomsky (1985), considera que a evolução da *Teoria Gerativa* passou por duas grandes etapas. Na primeira etapa, que se estendeu entre 1957 a 1979, Chomsky caracterizou a GU como um sistema de regras e transformações. Menegotto (2004) ressalta que nessa primeira etapa, surge um conflito entre a teoria postulada por Chomsky (1957, 1965) e os estudos sobre a variação linguística. Vale destacar que os estudos sobre variação linguística da época foram desenvolvidos principalmente por Labov (1972) que estabeleceu o que conhecemos atualmente como *Sociolinguística Variacionista*. Para Labov (1972) a língua é compreendida como um fato social que não pode ser separada do contexto sócio-histórico e cultural do indivíduo.

A autora comenta o seguinte:

De acuerdo con lo que hemos señalado hasta el momento, esa conclusión no es sorprendente, ya que el modelo generativo estándar elaborado a partir de Estructuras Sintácticas y Aspectos de la Teoría de la Sintaxis resultó adecuado para describir la existencia de estructuras diferentes pero no para explicar por qué existen esas diferencias ni para predecir en qué casos es de esperar una determinada regla y qué casos otra. (MENEGOTTO, 2004, p.17)

O modelo gerativista da primeira etapa restringia a GU como um sistema de regras e transformações que não dava conta de explicar a questão da variação entre as línguas naturais. A partir dos estudos e das análises, fica evidente para o próprio Chomsky a necessidade de fazer algumas reformulações na *Teoria Gerativa*. Foi a partir de 1980, que algumas hipóteses centrais a respeito do funcionamento das línguas naturais precisaram passar por reformulações para que fosse possível

compreender melhor a questão da variação entre diferentes línguas surgidas de uma mesma GU.

Em síntese, conforme Chomsky (1981), o que se tinha antes em termos de *Teoria Gerativa* eram propostas transformacionais, ou seja, tinha propostas de transformações para cada fenômeno, por exemplo: tinha proposta de transformações para explicar as orações interrogativas, relativas, explicativas e etc. Para cada fenômeno se tinha uma proposta de transformação diferente. Mas isso irá ser reformulado pelo próprio Chomsky. Conforme Menegotto (2004), é na segunda etapa que a GU é explicada por meio da noção de Princípios e Parâmetros (P&P).

Conforme a autora, a solução para o problema de Platão foi conceber a *Faculdade da Linguagem* como um sistema P&P. A GU deixou de ser vista como um sistema complexo de regras e transformações específicas, para a ser vista como um sistema de princípios parametrizados. Esse modelo consegue fazer com que seja possível aproximar os estudos de variação aos estudos sobre a linguagem na perspectiva gerativista, recorrendo ao conceito de parâmetro. Segundo a autora, a preocupação pela identificação e caracterização precisa de cada parâmetro, levou cada vez mais a comparação de variedades entre línguas muito próximas. A autora afirma que o contraste de variedades próximas encontrou seu lugar nas publicações gerativistas, nos trabalhos de Kayne, a partir de 1975, e logo depois na aplicação da noção de microparâmetro.

Vale destacar, em suma, que microparâmetro refere-se à variação de uma mesma língua, como é o caso da língua espanhola na variedade mexicana e o da língua espanhola na variedade peninsular, ou seja, variação de uma mesma língua. Baseando-se em Baker (1997) e Kayne (1996), Menegotto (2004) assume que a partir do modelo de Princípios e Parâmetros surgiu o conceito de microparâmetro, conforme a autora, microparâmetro é a hipótese de um fenômeno sintático que permite distinguir completamente duas variedades.

Ainda baseando-se em Baker (1997), Menegotto (2004) diz o seguinte:

Se puede argumentar que el Programa minimalista es una respuesta al hecho de que se hayan cumplido los vaticinios de Newmeyer: los parámetros sintácticos no resultaron tan explicativos como era de esperarse, y en lugar de ampliar cada vez más su alcance y subsumir más y más fenómeno de lenguas particulares, siguieron en camino inverso: se fueron reduciendo cada vez más los fenómenos asociados con cada parámetros, hasta llegar al microparámetro. (BAKER, 1997 apud MENEGOTTO, 2004, p. 28)

Em síntese, é a partir dos anos 80, do século XX, que a *Linguística Gerativa* formula a Teoria de P&P. De acordo com essa teoria, a GU, no estágio inicial, constitui-se de dois conjuntos de elementos: os princípios e os parâmetros.

Os princípios são leis universais comuns a todas as línguas naturais. Ou seja, são conjuntos de regularidades gramaticais. Dentre os principais princípios, temos: o Princípio de Dependência Estrutural que diz respeito ao movimento dos constituintes, ou seja, esse princípio determina que as regras de movimento apenas podem mover constituintes sintáticos; o Princípio de que as orações das línguas humanas possuem um SN sujeito e SV predicado (RAPOSO, 1992); o Princípio da Subordinação — estabelece que uma oração sempre poderá ser inserida como constituinte de outra oração, subordinando-se a ela (KENEDY, 2013).

Os responsáveis pela variação estrutural entre as línguas são denominados de parâmetros. Eles são um conjunto limitado de variações, ou seja, são propriedades que uma língua pode ou não exibir. É durante o estágio inicial da aquisição da linguagem que a GU irá retirar informações da língua ambiente (input) de modo a formatar os seus parâmetros. É somente no final do processo de aquisição da linguagem, denominado de estágio estável, que os parâmetros de uma língua particular estarão completamente assimilados. (KENEDY, 2013, p.97). Portanto, uma criança adquire uma língua particular – a estrutura gramatical de sua língua — à medida que os dados do input são filtrados e durante esse processo, os valores dos parâmetros são marcados.

Nesse sentido, a marcação de valores é determinada de fora pelos dados linguísticos particulares a que a criança é exposta. Um exemplo é o parâmetro do sujeito nulo. Conforme Raposo (1992):

A gramática Universal contém um princípio rígido que determina a existência da posição de sujeito nas orações das línguas humanas. A Gramática Universal, no entanto, não determina que essa posição seja necessariamente preenchida por um SN com conteúdo fonético. Assim, em línguas como o português, o italiano e o espanhol, é possível deixar essa posição vazia. (RAPOSO, 1992, p. 56)

O parâmetro do sujeito Nulo pode ser marcado como positivo e gerar línguas [+sujeito nulo] ou pode ser marcado como negativo gerando línguas [-sujeito nulo] (KENEDY, 2013).

Há línguas que possuem a posição de sujeito nas sentenças, todavia não o realiza foneticamente. Essas línguas são denominadas de acordo com a Teoria de P&P como línguas Pro-Drop ou línguas de parâmetro nulo. Considerem-se os exemplos, em português europeu e em espanhol respectivamente.

- (4) Português [+sujeito nulo]

Eu *estou bem.*

_ *estou bem.*

- (5) Espanhol [+sujeito nulo]

Yo *compré una nueva casa.*

_ *compré una nueva casa.*

Por outro lado, em outras línguas, essa possibilidade não é aceitável, caso aconteça, a sentença se torna agramatical, tal como se verifica na língua inglesa e na língua francesa.

- (6) Inglês [-sujeito nulo]

I am fine

* _ *am fine*

- (7) Francês [-sujeito nulo]

El le parle beaucoup

_ *parle beaucoup.*

Há línguas que o núcleo (o verbo) vem antes do seu complemento e a sentença fica na ordem sujeito, verbo e objeto (SVO) como é o caso do português, do espanhol, do inglês, etc. E há línguas que o núcleo ocorre depois e a sentença fica na ordem sujeito, objeto e verbo (SOV), como é caso do japonês, do coreano, do alemão etc. Na Teoria de P&P esse parâmetro é denominado de Parâmetro do Núcleo. Por exemplo, uma criança em fase de aquisição da língua portuguesa aciona o Parâmetro de Ordem SVO, porém uma criança de língua japonesa aciona o Parâmetro de Ordem SOV.

Considerem-se os exemplos, em português e japonês, respectivamente:

- (8) Kato compra doce.(português)
 Kato okashi kau. (japonês)
 (Kaio doce comprar)

Vemos que em português o objeto segue o verbo (comprar), enquanto que em japonês ele o precede. Uma criança adquirindo o português aciona o valor de Parâmetro de Ordem como [+núcleo inicial]. Já uma criança adquirindo o japonês aciona o valor de Parâmetro de Ordem [-núcleo inicial]. (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013).

Vale ressaltar que se uma criança ao acionar um dos parâmetros apresentados até aqui, apenas está ativando o que já está previsto pela GU. A fixação do valor, seja positivo ou negativo, dependerá dos dados linguísticos (input) recebidos pela criança na fase de aquisição.

Na próxima subseção, explicaremos a duas noções de língua adotada e defendida pela *Teoria Gerativa*, essas duas noções de língua são importantíssimas para compreendermos e explicarmos como se dá o processo de aquisição na comunidade mexicana, já que é a partir do processo da aquisição da linguagem que uma criança desenvolve os traços necessários para sua língua particular.

2.3 LÍNGUA-I & LÍNGUA-E

A concepção de língua tem sido uma das questões mais debatidas na linguística. De um lado, vamos ter perspectivas que vão defender que língua é um conjunto de elementos socialmente compartilhado. Nessa perspectiva, acredita-se que linguagem é algo socialmente constituído, adquirido e compartilhado. Nesse sentido, a aquisição da linguagem se dá por meio de estímulos e respostas. Isto é, língua é algo externo, fora da mente humana. Por outro lado, veremos perspectivas que defenderá que língua é mais uma questão de maturação, ou seja, a aquisição da linguagem se dá porque existe uma capacidade inata para seu desenvolvimento. A língua é algo interno à mente humana.

Chomsky (1994) ao explicar a noção de língua dentro da perspectiva gerativista, primeiro comenta sobre a noção de língua no senso comum. Conforme o autor, o chinês é considerado uma língua no senso comum, embora os vários

dialetos chineses sejam tão diferentes. Outras línguas como o Neerlandês e o Alemão possuem dialetos bem semelhantes, mas são consideradas línguas separadas. Além da dimensão sociopolítica, Chomsky (1994) destaca que língua na noção do senso comum tem um elemento normativo teleológico, ou seja, língua é o conhecimento que uma criança ou estrangeiro adquire de um determinado idioma.

Conforme explicamos nas seções anteriores, a *Teoria Gerativa* assume que todo ser humano possui uma capacidade inata para linguagem. A aquisição da linguagem acontece porque todo ser humano, com exceção dos que têm alguma patologia, nasce com uma herança genética para a linguagem. Chomsky (1994) sugere que qualquer perspectiva científica deva abandonar o conceito de língua do senso comum, que é carregado de uma dimensão sociopolítica. E para os estudos linguísticos de base científica, ele propõe duas concepções de língua: Língua-E e Língua-I.

A concepção de língua como Língua-E (externa, extensional) refere-se a gramática exteriorizada da língua. É um código linguístico existente numa comunidade humana, isto quer dizer que a Língua-E é o conhecimento linguístico socialmente compartilhado, no qual, o significado de língua ou gramática exteriorizada, nesse caso, diz respeito a algo fora da mente das pessoas. Na gramática gerativa, a Língua-E é vista como um grande léxico com seus inúmeros componentes, léxico não no sentido tradicional, mas no sentido de ser a maior fonte de informação linguística que é necessária para aquisição de qualquer língua natural.

Conforme Chomsky (1995), esse léxico é um repositório de informações linguísticas que dão origem as representações linguísticas assumidas pela *Teoria Gerativa*. Nas próximas seções iremos explicar sobre essas representações dentro do Programa Minimalista (PM).

A Língua-E serve de base para o desenvolvimento de uma Língua-I. Porque é no ambiente, de maneira inconsciente, que o ser humano, na fase de aquisição, coleta informações linguísticas necessárias para aquisição e uso da linguagem. A concepção de língua como Língua-I refere-se à língua como um sistema cognitivo, isto é, uma habilidade presente na mente das pessoas, ou seja, é o conhecimento linguístico de uma pessoa acerca de uma dada língua. É a partir da língua-I que a gramática internalizada será formatada, portanto, ela é incorporada no estado final da GU. Com ela, o ser humano tem a disposição de perceber e processar os códigos

linguísticos existentes do seu ambiente.

Chomsky (1986) salienta que o interesse da *Teoria Gerativa* deve ser a descrição da Língua-I, utilizando-se, para isso, dos dados da Língua-E. Kenedy (2013) destaca que os gerativistas procuram identificar, ao descrever uma Língua-E, os traços linguísticos que estão codificados em seu léxico e são utilizados na formação de representações mentais, como fonemas, morfemas, palavras, sintagmas, frases e discursos, ou seja, a Língua-I.

Em síntese, é partir das hipóteses da *Teoria Gerativa* que a língua deixa de ser entendida como um fenômeno puramente social e passa a ser considerada como um objeto da mente humana. A Língua-I é compreendida como a representação da competência linguística que um indivíduo tem. Em outras palavras, é a capacidade que o indivíduo tem de produzir e compreender sentenças bem formadas, trata-se de um mecanismo interno. A Língua-E é algo externo à mente humana, pode ser entendida como um fenômeno social. Apesar de o indivíduo precisar ser exposto à Língua-E para desenvolver uma língua particular, o indivíduo só desenvolve essa língua porque tem uma capacidade inata para a linguagem. Dessa maneira, podemos dizer que essas duas concepções de língua se completam. No entanto, vale destacar mais uma vez que o objetivo da *Teoria Gerativa* está centrado no estudo da Língua-I porque nela está a capacidade de organizar as estruturas sintáticas de qualquer língua.

No que tange ao objeto aqui em discussão, entende-se que a língua espanhola dentro da comunidade de fala mexicana é considerada como Língua-E. Isto é, é a língua externa, visto que cada comunidade linguística pode fixar um microparâmetro constituindo diferentes línguas-I.

2.4 PROGRAMA MINIMALISTA

A partir da década de 90 que Noam Chomsky começou a desenvolver um programa de pesquisa, denominado como Programa Minimalista (PM), dentro da teoria de P&P. Vale destacar, que o *Minimalismo* é um programa no sentido de não ser uma teoria concluída, mas um conjunto de diretrizes metodológicas que se pretende usar para chegar a uma teoria (MODESTO, 2012). Conforme Menegotto (2004), a reformulação da *Teoria Gerativa* dentro do PM nos ajuda a repensar fortemente o lugar da variação no modelo de Língua-I se a faculdade da linguagem é

um sistema cognitivo perfeito e homogêneo, cujas imperfeições provêm dos sistemas de saída. A autora salienta que o PM exige restringir na *Teoria Gerativa* tudo aquilo que não esteja conceitualmente motivado.

Conforme Carvalho (2012) dentro do quadro geral do PM, Chomsky assume que a componente sintática da faculdade da linguagem é programada para ser um sistema gerativo derivacional que faz interface com duas componentes externas (interpretativas), que é articulatório-perceptual e a conceitual-intencional. De acordo com o autor, isto se dá através de dois níveis de representação: a Forma Fonética (PF) e a Forma Lógica (LF).

Nesse mesmo sentido, Menegotto (2004) explica o seguinte:

Además de las dos preguntas iniciales, que llevaran a la postulación de una G.U. común a la especie humana, se propuso que la GU está compuesta por dos grandes sistemas: el léxico, por un lado, y el componente sintáctico, por otro, que interactúa con otros dos subsistemas: el subcomponente semántico y el subcomponente fonológico. (MENEGOTTO, 2004, p.14)

Ou seja, a GU, que é comum a toda espécie humana, está composta por dois grandes sistemas que interagem com mais dois subsistemas como é representado na figura abaixo:

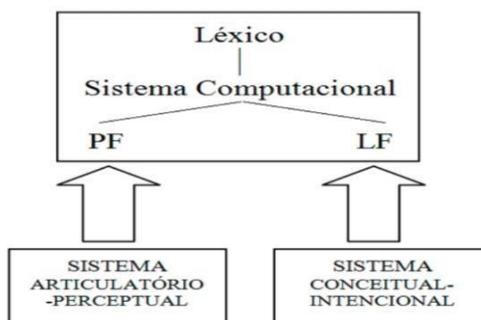


Imagem 2: Arquitetura da faculdade da linguagem no Programa Minimalista

Conforme vemos acima, essa figura evidencia os elementos constitutivos da estrutura da faculdade da linguagem: O léxico de acordo com Kenedy (2013), deve ser interpretado como o repositório de informações linguísticas que dão origem a PF que irá converter as representações advindas da sintaxe em instruções cognitivas a serem enviadas para interface sensória motora e a LF que irá converter as representações advindas da sintaxe em instruções cognitivas a serem enviadas para a interface conceitual-intencional.

Na versão atual da gramática gerativa, as informações que dão origem a PF e a LF são denominadas de traços (*features*, em inglês).

Kenedy (2013) explica:

O termo traços refere-se ao conjunto de informações que estão codificadas num item lexical qualquer. Por exemplo, uma palavra como “casa” possui, dentre outros, o traço [feminino] especificando seu gênero, o traço [3ª pessoa] que especifica sua posição no discurso e traço [singular] que caracteriza seu número gramatical. (KENEDY, p. 137, 2013)

Conforme vimos, a palavra *casa* possui traços de pessoa, número, gênero, dentre outros. Se o item lexical fosse um verbo como *casou*, esse item teria traço de tempo, traço de modo, traço de aspecto, dentre outros. São muitos os traços linguísticos que compõe um item lexical desde o simples até o mais complexo. O PM assume que o léxico é composto por três tipos de traços: traços semânticos, traços fonológicos e traços formais.

Conforme aponta Kenedy (2013), os traços semânticos presentes num item lexical são aqueles que estabelecem relações entre língua e o sistema conceitual-intencional, pois é a partir deles que as expressões linguísticas se tornam interpretáveis, admitindo certo significado e dado valor referencial no discurso. Já os traços fonológicos, o autor explica que esses estabelecem relação entre língua e o sistema articulatorio-perceptual, tornando possível que os itens do léxico sejam manipulados pelo aparato sensório-motor humano admitindo certa articulação e certa percepção física. Por fim, os traços formais são aqueles que codificam informações a serem acessadas e usadas pelo sistema computacional da linguagem humana, em sua função de prover as interfaces linguísticas com sintagmas e sentenças.

Em síntese, no PM as diferenças entre as línguas não se encontram no *Sistema Computacional*, mas sim, no *Léxico Funcional*. Nesse sentido, o léxico é comparado a um dicionário onde estão armazenadas todas as palavras, ou seja, onde estão armazenados todos os itens lexicais, acompanhados de traços que carregam especificações e informações relacionadas à sua face fonológica e semântica, além de carregar informações pertinentes sobre como tais itens participam da estrutura sintática. A formação de uma sentença não resulta da combinação aleatória dos itens lexicais. Na realidade, as sentenças de qualquer língua natural seguem um padrão fixo de combinação, resultante da operação sintática de concatenação de constituintes.

Conforme Kenedy (2013) aponta, serão os traços formais os responsáveis por orientar o sistema computacional a respeito das relações sintáticas. Além disso, os traços formais, também chamados de traços sintáticos, instruem o *Sistema Computacional* a processar três tipos de operação, como: atribuir uma posição linear na sentença a certo item léxico, estabelecer um conjunto de relações sintáticas e semânticas entre esse item e outros com quais ele tenha necessariamente de ser vinculado numa expressão linguística, por fim, associar marcas morfossintáticas (como gênero, número, tempo, modo, aspecto).

Os traços variam arbitrariamente de língua para língua, no entanto, de acordo com os estudos gerativistas atuais, os traços que se encontram codificados no léxico funcional da estrutura da linguagem são os responsáveis pelo surgimento da diversidade linguística entre as línguas humanas.

Sobre os traços Lopes (2016) comenta:

A partir da proposta da existência de traços na área da fonologia, será considerada também em relação à sintaxe. As categorias lexicais que antes eram consideradas as menores unidades de análise agora são subdivididas por seus traços subjacentes, como os traços de $[\pm N]$ (nome) ou $[\pm V]$ (verbo). Além de dois traços lexicais, há traços funcionais como os traços de $[\pm \text{Neg}]$ (negação), $[\pm \text{Agr}]$ (concordância), $[\pm T]$ (andamento), entre outros. Uma GU conteria um conjunto de traços universais presentes em todas as línguas naturais. (LOPES, 2016, p. 17)

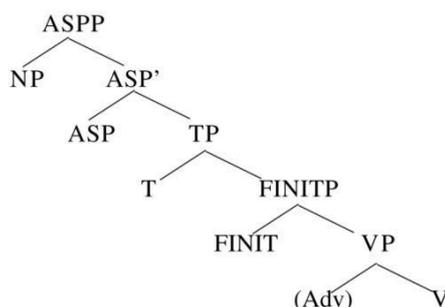
Nesse sentido, conforme Lopes (2016), duas questões perpassam os estudos linguísticos de base gerativista, os questionamentos são os seguintes: Quais os traços presentes na GU? E como esses traços se relacionam com os traços de uma língua particular? Para buscar responder esses questionamentos, foram propostos dois princípios dentro do PM conhecidos como: o Princípio da Uniformidade e o Princípio da Seletividade.

Na teoria do *Princípio da Uniformidade*, o gerativismo defende que a linguagem é uniforme, e ela tem acesso a todos os traços dos itens lexicais. Já o *Princípio de Seletividade*, o gerativismo assume que as diferentes línguas selecionam diferentes traços de um conjunto de traços universais do dicionário mental, ou seja, do léxico. Conforme Raposo (2007), o léxico é um conjunto de elementos lexicais, cada um deles um sistema articulado de traços. O léxico especifica, para cada um destes elementos, as suas propriedades fonéticas, semânticas e sintáticas.

Como já destacamos no início dessa seção, o PM começou a se desenvolver a partir da década de 90. Conforme Novaes (2007) até o fim dos anos 80 acreditava-se que a árvore sintática possuísse uma camada flexional formada de uma única categoria funcional que alojava os traços de tempo e os traços de concordância. O autor destaca que Pollock (1989), ao fazer um estudo comparativo com o francês propõe uma árvore sintática que representa na sentença a existência de dois nódulos flexionais. Nesse mesmo sentido, Novaes e Braga (2005), afirmam que desde os primeiros trabalhos desenvolvidos por Pollock (1989) diversos estudos foram realizados para estabelecer quais categorias que compõem o nó INFL. Conforme os autores, muitos trabalhos fazem referência a um possível nó de *aspecto*. Ao levarem em consideração os resultados dos testes feitos em pacientes afásicos em sua pesquisa, eles propõem que no lugar de um nó AGR na árvore sintática, tenhamos um nó *aspecto*.

Nesse mesmo sentido, Novaes (2007) diz que a ideia proposta por Pollock (1989) foi adotada e refinada por Chomsky (1991). Este autor sugere a existência de um nódulo aspectual ao apresentar algumas evidências neuropsicológicas que dizem respeito à dissociação entre a expressão linguística de tempo e a expressão linguística de aspecto, em indivíduos com patologia da linguagem. Ele afirma que os traços de aspecto são semanticamente interpretáveis ao levar em consideração a proposta de Chomsky (1995) de que somente os traços semanticamente interpretáveis nas interfaces do sistema linguístico projetam um sintagma. Conforme este autor, a camada da árvore flexional seria constituída minimamente de três nódulos: um com o objetivo de checar os traços de finitude, um segundo com o objetivo de checar os traços de tempo e, o terceiro com o objetivo de checar os traços de aspecto. A camada da árvore sintática pode ser representada da seguinte forma:

Imagem 3: Representação da árvore sintática



Fonte: NOVAES (2007)

Novaes (2007) ao se basear em Pollock (1989) argumenta que nesse sistema, o verbo minimamente se moveria para checar os traços de finitude. E ao checar os traços de finitude, ele se moveria para checar os traços de tempo e, tendo checado o traço de tempo, ele subiria para checar o traço de aspecto. Ao se basear em Rizzi (1997), Novaes salienta que as propostas desenvolvidas em seu trabalho incorporam a hipótese de que a árvore sintática que representa mentalmente a sentença consiste de três camadas diferentes: uma camada lexical, uma camada flexional e uma camada periférica.

O PM abriu novas possibilidades de análises, além de estar contribuindo para diversos estudos que se preocupam em analisar as alterações linguísticas decorrente de lesões neurológicas.

Novaes (2007) comenta o seguinte:

Nesse contexto, surgem nos 80 anos vários estudos preocupados em analisar as alterações linguísticas decorrentes e lesões neurológicas utilizando o instrumento teórico oferecido pela gramática gerativa. Com esses estudos, passa a ser possível investigar, por exemplo, se uma determinada categoria funcional abriga um ou mais traços formais. A estratégia utilizada para checar a conclusões dessa natureza é a observação da dissociação ou não de determinados comportamentos em situação de teste. (NOVAES, 2007, p.73)

Entender os princípios básicos da *Teoria Gerativa* é essencial para compreensão do uso e funcionamento das línguas naturais. O Modelo de P&P possibilitou que os estudos baseados na *Teoria Gerativa* pudessem ter êxito e respostas a questões relacionadas à variação e diversidade linguística. Compreender e aceitar que a linguagem é uma dotação genética e inata da espécie humana nos possibilitou a chegar ao entendimento de que as línguas são uniformes com princípios e parâmetros. Todas essas questões que apresentamos nessa seção são essenciais para explicar o fenômeno que estamos analisando e descrevendo nessa dissertação.

2.5 DIVERSIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA

A discussão científica da variação do espanhol teve início no século XX quando as discussões americanistas foram colocadas em pauta¹. Fontanella de Weinberg (1992) diz que os trabalhos sobre o espanhol da América no início do século XX centraram-se especialmente na discussão sobre as origens e caracterização do espanhol americano. Conforme a autora, a discussão sobre a origem e a caracterização do espanhol americano se manteve, na primeira metade do século XX, em torno de três hipóteses: a influência indígena, a influência andaluza e a origem poligenética.

A hipótese da influência indígena² baseou-se na teoria do substrato, no qual o espanhol americano seria resultado da interação com as línguas indígenas de substratos. A hipótese da influência andaluza assume que maior parte dos traços típicos do espanhol americano se deve a influência que os andaluzes tiveram em sua formação. A hipótese poligenética supunha um desenvolvimento independente.

A partir dos anos 1980, um amplo debate foi aberto considerando outras perspectivas. Com o quadro da sociolinguística histórica, Fontanella de Weinberg (1992), ponderou que não é possível propor uma teoria para todo o território, mas que devem ser consideradas as sócio-históricas individuais de cada região.

Baseando-se na teoria de P&P da gramática gerativa, Pinto (2009) acredita que é possível dividir o espanhol de acordo com as zonas linguísticas que apresentam algumas características sintáticas comuns, porém alguns autores questionam uma divisão dialetal com argumento de que os fenômenos linguísticos não formam parte de uma região em particular. Independente de considerar cinco ou mais zonas dialetais, o que se deve considerar é que a língua espanhola é uma língua heterogênea e diversificada como o próprio Lope Blanch (1989) disse:

La lengua española sigue siendo el sistema lingüístico de comunicación común a veinte naciones, no obstante las particulares diferencias — léxicas, fonéticas y, en menor grado, morfosintáticas — que esmaltan el uso en unas y otras. Diferencias que se producen entre todos esos veinte países, sin permitírnos establecer das grandes modalidades bien contrastadas — española y americana — por cuanto que, además, existe

¹ Neste trabalho, não pretendemos fazer uma discussão exaustiva nem expositiva da dessa questão. Os interessados podem consultar Fontanella de Weinberg (1992), Moreno Fernández (2000) e outras

² Henrique Ureña (1921) dividiu o espanhol da América em cinco zonas dialetais conforme as macrolínguas indígenas de cada região.

mayor afinidad entre algunas modalidades americanas y españolas que entre ciertas modalidades hispanoamericanas entre sí. (LOPE BLANCH, 1989, p.29)

Como podemos perceber, a língua espanhola apesar de ser um sistema de comunicação comum a mais de vinte países, tem diferenças em todos os níveis: lexicais, fonéticos e morfossintáticos. Por ter um índice de comunicabilidade muito alto, tem feito muitas pessoas pensarem que as variações da língua espanhola se restringem apenas a campos lexicais e campos fônicos (PINTO, 2008, 2009). Pinto (2009) mostra que a variação da língua espanhola não se restringe apenas as diferenças léxicas e fonológicas, mas também as diferenças morfossintáticas, mesmo quando as diferenças não são extremas.

À vista disso, a homogeneidade no nível morfossintático é apenas aparente. Nesse mesmo sentido, Pinto (2009) discute alguns problemas relacionados com a variação sintática do espanhol atual que vai contra ao que tem sido pregado a respeito da língua espanhola: o mito do espanhol apresentar apenas poucas ou mínimas diferenças morfossintáticas. Conforme o autor, o que se percebe é que estão confundindo o termo comunicabilidade com diversidade linguística. Apesar de Pinto (2009) reconhecer a importância dos estudos que já foram feitos no âmbito fonológico e lexical, ele assume que um melhor estudo da gramática do espanhol poderá trazer conclusões sobre a unidade e diversidade do espanhol na atualidade.

Assumimos que esse espanhol que muitos têm discutido como uma das línguas mais faladas no mundo é considerada nos pressupostos da *Teoria Gerativa* como Língua-E (externa), aquela que está fora da mente de cada falante. Quanto à Língua-I (interna), aquela que faz parte do código genético do falante e que faz da mente a sua morada, vamos ter uma infinidade de variedade de gramáticas quantas sejam as comunidades linguísticas.

Fontanella de Weinberg (1992) diz que o espanhol da América é um conjunto de variedades do espanhol falado na América definidos geográfica e historicamente.

A autora comenta o seguinte:

No podemos hablar legítimamente de que se trate de una entidad que se puede definir geográfica e históricamente. Es decir, es el conjunto de variedades dialectales del español habladas en América, que comparten una historia común por tratarse de una lengua trasplantada a partir del proceso de conquista y colonización del territorio americano. Esto no implica desconocer el carácter complejo y variado de este proceso y sus repercusiones lingüísticas, dado que debemos diferenciar las regiones de

poblamiento temprano (las Antillas, Panamá y México, por ejemplo) de otras de poblamiento más tardío (Río de la Plata en general y Uruguay en particular); las regiones de poblamiento directo a partir de España, de las de expansión americana; los distintos tipos de relación con la metrópoli, etc. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992, p. 15)

Conforme Pinto (2009) a definição que esta autora dá para o espanhol americano vai de acordo com o que se compreende desde o marco da sociolinguística histórica. Vale destacar, que o autor assume que a definição de Fontanella de Weinberg (1992) para o espanhol deve ser aplicada a todas as variedades do espanhol, além disso, concorda com a impossibilidade de dividir o espanhol em dois grandes blocos porque os fenômenos de variação estão espalhados por todo o mundo hispânico.

Conforme Pinto (2009) assume, o espanhol da América não é uma variedade, mas sim, um conjunto de variedades que sofreu diferentes processos de interações em cada parte do continente americano, e por isso, não podemos ver o espanhol como dois blocos que se opõem entre si. A interação entre os falantes vai definir cada variedade linguística. Assim, conforme Pinto (2016), a língua espanhola na atualidade, em qualquer território onde se fale, deve ser entendida como o conjunto de variedades do espanhol, definidas histórica e geograficamente, a partir de processos sociolinguísticos históricos particulares, sem ser possível considerar a língua espanhola uma língua homogênea em qualquer de suas regiões.

Conforme comenta Irala (2004) ao falar-se em variedades regionais de uma língua, há uma tendência em dicotomizar o complexo espaço entendido como unificador do idioma espanhol, tratando-o normalmente como Espanhol da Espanha e Espanhol da América. Palácios (2006) destaca que não existe uma realidade linguística homogênea hispano-americana, como também não existe uma realidade linguística peninsular única e homogênea.

Autores como Pinto (2009), SANTOS (2016), dentre outros pesquisadores questionam as teorias que sustentam o mito da homogeneidade da língua espanhola e a hegemonia da variedade europeia. Muitos são os autores que consideram o espanhol como um sistema homogêneo que possui uma unidade linguística predominante, porém é necessário desconstruir esse tipo de generalização.

Vale destacar que a língua espanhola recebeu diversas influências de outros povos, tanto na Europa como na América Latina, conseqüentemente, essas influências — assim como a própria extensão geográfica dessa língua —

contribuíram para enriquecer a variação e diversidade do espanhol. O espanhol surgiu de uma mescla de línguas, como o celta, o latim, o grego, o alemão e o árabe (MONHALER; MATIAS MIRANDA, 2017). Desde sua origem até os dias atuais, o espanhol vem se desenvolvendo e se difundindo pelo mundo (PINTO, 2009; SANTOS; 2016).

Vejam-se a seguinte afirmação de Silva (2018):

Português, inglês, alemão, neerlandês, espanhol, árabe, suaili, mandarim, etc. são línguas pluricêntricas, no sentido, institucionalizado por Clyne (1992: 1), de que apresentam diferentes variedades nacionais, cada qual com a sua norma própria. O pluricentrismo linguístico é geralmente assimétrico, pelas inevitáveis diferenças de estatuto e poder económico, político ou cultural entre as variedades nacionais, umas dominantes e outras não dominantes. O pluricentrismo é um caso especial de variação intralinguística, marcado por questões de identidade e poder nacionais. (SILVA, 2018, p. 838)

Como podemos ver, a língua espanhola é considerada uma língua pluricêntrica no sentido institucionalizado por Clyne (1992). Devido a sua extensão territorial, a língua espanhola apresenta diferentes variedades nacionais, por exemplo, vamos ter o espanhol da Espanha, o espanhol do México, o espanhol da Argentina, dentre outros países. Cada variedade nacional da língua espanhola apresentará sua própria norma. Portanto, o espanhol da Espanha e o espanhol da América Latina não podem ser vistos como dois blocos linguísticos opostos entre si (FONTONELLA DE WEINBERG, 1992).

Segundo Carraro (2016), é incoerente classificar todos os países da América Latina dentro de um grupo e pensar que há uma homogeneidade linguística e cultural latino-americana. Não há essa homogeneidade até porque são países que possuem diferenças econômicas, culturais e políticas distintas. Assim como é incoerente afirmar que há uma homogeneidade linguística no espanhol europeu.

O espanhol é uma língua comum em mais de 21 países, porém em cada região, essa língua possui suas próprias particularidades, sejam lexicais, fonéticas ou morfossintáticas. Isso porque as línguas possuem parâmetros particulares que são formatados de acordo com a experiência do indivíduo (KENEDY, 2013). Assim como Pinto (2009, 2016), acreditamos que o espanhol atual deve ser compreendido como um conjunto heterogêneo de variedades linguísticas faladas em lugares específicos, acreditamos na noção de língua espanhola como um sistema único, uma vez que esta língua não é um único sistema linguístico.

Partindo dos pressupostos da *Teoria Gerativa*, esta língua é aquela que é externa à mente humana. Mas é por meio da Língua-I que vamos ter uma infinidade de variedade de gramáticas quantas sejam as suas comunidades. Os pressupostos nos quais se baseia esta pesquisa nos ajudam a compreender melhor a diversidade da língua espanhola no que tange o uso do PPC. Portanto, na próxima subseção, faz-se necessário falar sobre a noção de variação microparamétrica dentro da teoria de P&P.

2.5.1 Microvariação sintática no espanhol

A princípio foi a dialetologia que teve como objeto de estudo a variação linguística. A palavra dialetologia vem do grego antigo que quer dizer *dialektos*, ou seja, significa dialeto, fala. Conforme Arce (2019), o interesse por destacar as particularidades das variedades geolinguísticas deu lugar ao nascimento de disciplinas como a *Dialetologia*, e mais tardiamente, a *Sociolinguística*. De acordo com Cardoso (2016), os estudos dialetais buscam identificar, descrever, interpretar e analisar as diferenças regionais, conhecidas como variação diatópica; as diferenças sociais decorrentes da variedade de idade (*variação diageracionais*), as diferenças decorrentes da variação de sexo (*variação diassexuais*); as diferenças de níveis socioculturais (*diastráticas*), entre outras variações. O autor também comenta que logo depois da dialetologia, um outro ramo de estudo que apresentou interesse pela variação linguística foi a *Sociolinguística*. Entende-se por *Sociolinguística* o estudo que se ocupa das relações entre língua e sociedade. Labov (1972) argumenta que não se pode separar a linguística do social.

Muitas foram as contribuições feitas a partir da dialetologia e da sociolinguística no que diz respeito a variação linguística. No entanto, conforme comenta Arce (2019), essas linhas de pesquisas quase sempre se prenderam na simples descrição de fatos linguísticos ou no estabelecimento de correlações entre variáveis socioculturais. Em consequência disso, não avançaram na descrição dos traços estruturais de uma língua que permitem a existência de diferentes variantes. Vale destacar que em seu trabalho sobre a variação intralinguística no espanhol de Catamarca, Arce (2019) parte da ideia de que um maior e melhor conhecimento das variedades microparamétricas contribui para descrição e a explicação dos fenômenos relacionados com a faculdade da linguagem.

Mas o que seriam variedades microparamétricas? Em outras palavras, o que seria microparâmetro dentro da teoria de P&P? Antes de explicitar sobre isso, salientamos que a *Gramática Gerativa* avançou muito nesses últimos anos, principalmente com as reformulações que foram feitas e com o surgimento do PM. No início da *Teoria Gerativa* a preocupação dos estudos linguísticos não estava voltada para as diferenças entre as línguas, não havia essa preocupação. Então, muitas das vezes, a *Teoria Gerativa* entrava em atrito com os estudos da Dialetologia e Sociolinguística. Com os avanços da teoria de P&P é possível estudar a variação linguística sobre o viés da *Teoria Gerativa*.

No Brasil, o encadeamento dos pressupostos da *Gramática Gerativa* com a Sociolinguística é conhecido como *Sociolinguística Paramétrica*. Conforme Duarte (2016) foi Fernando Tarallo (1986) que, num artigo-manifesto, propôs uma leitura comparativa de resultados de pesquisas variacionistas sobre o grupo de línguas românicas à luz da teoria do modelo de P&P formalizado por Chomsky (1981).

Sobre isso a autora comenta o seguinte:

[...] Tarallo retoma as críticas recebidas a um texto anterior (1986), em que já tentava mostrar que análises empíricas, que caracterizam a pesquisa sociolinguística, eram capazes de conduzir a sistematização teóricas importantes e que não podia aceitar que a combinação do empirismo da Sociolinguística com o formalismo da Teoria de P&P fosse incompatível. A partir de comparação de fenômenos variáveis em várias línguas românicas, Tarallo defendia que uma leitura — paramétrica — dos resultados permitiria prever que os mesmos fatores que controlavam a variação interna atuariam caso um processo de mudança viesse a ocorrer numa dessas línguas. (DUARTE, 2016, p.33)

Assim como Tarallo (1986), autores como Tarallo e Kato (1989), Ramos (1992), entre outros autores, adotaram a *Sociolinguística Paramétrica*. Conforme Soares da Silva (2013), surgiram muitas críticas à *Sociolinguística Paramétrica*, mas apesar das críticas, novos estudos mostraram que era viável e compatível a combinação entre os estudos da *Sociolinguística* e os estudos *Formalistas* sobre o viés da teoria de P&P.

A noção de parâmetro de variação sintática é um componente-chave na teoria de P&P. Conforme vimos no início dessa seção, os parâmetros e os seus valores são atribuídos pela GU. Vale destacar que a visão de parâmetro tem mudado nos últimos anos devido ao trabalho intenso que os gerativistas têm feito. Tal como vemos em Kayne (2005), os parâmetros podem ser classificados em micro-

parâmetro e macroparâmetro. O que nos interessa nesse trabalho é a noção de microparâmetro para poder compreender o fenômeno em estudo: *o aspecto do pretérito perfecto compuesto na variedade mexicana*.

Por microparâmetro, entende-se como um conjunto de variação entre línguas proximamente relacionadas. Conforme ressalta Demonte (2003), o termo *variação paramétrica* é bem recente na gramática gerativa. A autora ressalta que a observação que Kayne (1996) fez é muito útil para entender o interesse pela variação microparamétrica.

Sobre a microvariação autora comenta o seguinte:

El estudio de la microvariación sintáctica involucra a leguas muy similares entre sí (o a variedades de una misma lengua), supone hacer distinciones de granos fino respecto de las propiedades que les son comunes y las que las separan, y se asienta en la estrategia metodológica (no sabemos aún si estrategia sustantiva) según la cual, en última estancia, de la variación microparamétrica podremos llegar a los macroparámetros, pero no viceversa. En definitiva este tipo de acercamiento a la variación permitiría expresar sus parámetros en una versión más afinada. (DEMONTE,2003, p.04)

Conforme Kayne (2000), podemos tomar o estudo da microvariação para fornecer um campo de teste ideal para hipótese de que a variação sintática pode ser reduzida a um conjunto finito de parâmetros que interagem com um conjunto de princípios universais. Para o autor, o estudo das diferenças entre as línguas deve proceder em conjunto com o estudo do que tem em comum, em outras palavras, com o estudo dos princípios da GU que interagem com os parâmetros específico da linguagem para produzir a variação sintática.

Kayne (2000, p. 9) ao falar da noção de microparâmetro compara a sintaxe microparamétrica com o desenvolvimento dos primeiros microscópios. Para o autor, a sintaxe microparamétrica é uma ferramenta que pode fornecer evidências inestimáveis que moldarão nossa compreensão sobre os próprios princípios da GU. O autor comenta o seguinte:

Microparametric syntax is a powerful tool, whose growth is perhaps to be compared with the development of the earliest microscopes, that allows us to probe questions concerning the most primitive units of syntactic variation. And since the invariant principles of UG can hardly be understood in isolation from syntactic variation, this tool promises to provide invaluable evidence that will shape our understanding of those principles themselves. (KAYNE, 2000, p. 09)

Conforme podemos ver, Kayne (2000) afirma que os princípios da GU jamais podem ser compreendidos isolados da variação sintática. Para o autor, a sintaxe microparamétrica é uma ferramenta que nos permite sondar questões relativas as unidades mais primitivas da variação sintática. De acordo com Arce (2019), Kayne (1996) não só aborda o estudo das diferenças entre as línguas, mas também os estudos entre os dialetos de uma mesma língua a partir dos princípios da GU e os valores (microparâmetros) que escolhem para sua estrutura sintática.

Fez-se necessário falar sobre a noção de variação microparamétrica neste trabalho porque esta pesquisa segue à luz do modelo da teoria de P&P da gramática gerativa. Como já explicitamos, devido aos avanços dentro do PM, os estudos de aquisição, variação e mudança linguística tomaram um novo rumo dentro da Linguística. A partir da noção de microparâmetro temos a possibilidade de estudar, descrever e analisar as variações existentes de uma mesma língua como é o caso do espanhol dentro da variedade mexicana. Assim como Arce (2019), também assumimos que um maior e melhor conhecimento das variedades microparamétricas contribui para a descrição e explicação dos fenômenos relacionados à faculdade da linguagem.

Ao relacionar nosso fenômeno em estudo com os pressupostos da gramática gerativa, compreendemos que os falantes da região mexicana adquiriram a estrutura gramatical de sua língua, assim como os *traços* inerentes ao aspecto léxico veiculados ao PPC à medida que os dados do input foram filtrados, e durante esse processo os valores dos microparâmetros foram marcados.

A língua espanhola, como uma das línguas mais falada no mundo, é a língua externa, ou seja, é a Língua-E. Visto que cada comunidade linguística, por exemplo, a comunidade caribenha e não caribenha pode fixar um (micro) parâmetro diferente, constituindo diferentes Línguas-I. Portanto, diferentes Línguas-I podem gerar uma mesma Língua-E. Vejam-se o seguinte exemplo:

(9) Ella tiene mucha agua.

Em (9), temos o pronome pessoal como sujeito (argumento) da oração. Porém, em frases como esta, em variedades não caribenhas, o sujeito *ella* só pode se referir a uma pessoa do sexo feminino, ou seja, se refere a uma mulher. Já em variedades caribenhas, o sujeito *ella* pode ser uma coisa, como por exemplo, caixa

d'água, banheira, etc.

Conforme Lope Blanch (1989, 1992) e Moreno de Alba (1969) o valor aspectual veiculado ao PPC da língua espanhola é diferente na variedade mexicana. Essa variação e mudança no espanhol mexicano é explicada por meio da *Faculdade da Linguagem*. Assumimos, conforme Pinto (2011), que a aquisição da linguagem é o lugar da mudança devido a uma fixação de parâmetro (microparâmetro) diferente da fixação paramétrica (no caso do espanhol, microparamétrica) da geração anterior. Baseando-se na teoria de P&P, podemos afirmar que fixação microparamétrica diferenciada se deve a uma mudança no ambiente linguístico. Daí o porquê o aspecto léxico veiculado ao PPC da variedade mexicana ser diferente do espanhol europeu. Apesar de ser a mesma língua, a região mexicana desde que a língua espanhola foi transplantada recebeu diversas influências de outras línguas e dialetos o que contribuiu para a marcação dos parâmetros, e conseqüentemente, para a aquisição da estrutura da gramática de sua língua.

2.6 CONCLUINDO A SEÇÃO

Nesta seção, fizemos uma revisão bibliográfica da Teoria de P&P na sua versão *Minimalista*. Apresentamos a definição de língua como faculdade cognitiva e língua como código linguístico socialmente compartilhado. Esclarecemos que a componente sintático da *Faculdade da Linguagem* é programada para ser um sistema gerativo derivacional com duas componentes externas. Mostramos a partir de FONTANELLA DE WEINBERG (1992); PINTO (2009); LOPE BLANCH (1989), entre outros autores, que a língua espanhola é variada e diversificada em todos os níveis, inclusive, no âmbito sintático. Ao relacionar a variação do espanhol com os pressupostos da *Teoria Gerativa*, assumimos que a língua espanhola que conhecemos como um dos idiomas mais falado no mundo é considerada como Língua-E, ou seja, é aquela definida como código linguístico socialmente compartilhado. Quanto a Língua (interna) mostramos que se tem uma infinidade de variedades de gramáticas quantas sejam as comunidades linguísticas. Para finalizar esta seção, foi necessário falar sobre a noção de microparâmetro dentro da *Teoria Gerativa* para justificar os pressupostos nos quais se baseia esta pesquisa.

3 CATEGORIAS VERBAIS: TEMPO, MODO E ASPECTO

3.1 INTRODUÇÃO

Os verbos manifestam marcas de *tempo*, *modo* e *aspecto*, embora a gramática tradicional trabalhe mais com *tempo* e *modo* do que com *aspecto*. Segundo Gabardo (2001), o *aspecto*, na gramática tradicional não é tratado como categoria verbal. Normalmente, essa categoria na gramática tradicional é tratada junto com a categoria de *tempo*, numa oposição *durativo/pontual*; *contínuo/descontínuo*. Por exemplo, observe-se o caso dos pretéritos da língua espanhola:

- (1) a. Mi abuelita *comía* hamburguesa y papas fritas.
 b. Mi abuelita *comió* hamburguesa y papas fritas.

Como se pode perceber, tanto a sentença (1a) e (1b) são tempos passados do modo indicativo, no entanto, há uma diferença entre a sentença (1a) e a sentença (1b), essa oposição é aspectual. Em (1a), a ação de *comer* expressa uma ação não terminada, ou seja, uma ação *imperfectiva*. Vale destacar, que o *tempo imperfectivo* pode expressar tanto uma ação *durativa* como uma ação *habitual*. Já em (1b) o verbo *comer* expressa uma ação *perfectiva*, ou seja, uma ação *pontual*.

Embora este trabalho tenha o objetivo de analisar o aspecto vinculado ao PPC na variedade mexicana, faz-se necessário nas próximas seções apresentar as noções de *tempo* e *modo* para que possamos compreender o aspecto verbal, pois, há muita confusão a respeito da categoria de *tempo* e *aspecto*.

3.1.1 Tempo

Conforme Rojo e Veiga (1999), uma boa parte dos problemas que se apresentam no tratamento do tempo verbal na gramática clássica é devido aos fenômenos extralinguísticos, a falta de distinção e compreensão da *noção de tempo*. Conforme o autor, confundir as noções de *passado*, *presente* e *futuro* que aplicamos em nossa vida, nos impede de entender a autêntica natureza do *tempo linguístico* e seu funcionamento no interior das línguas.

No entanto, para melhor compreendermos o funcionamento das formas

verbais e conceituar a *categoría tempo*, faz-se necessário apresentar as noções de que se tem de *tempo*. Conforme Benveniste (1977) há o *tempo físico*, o *tempo cronológico* e, por fim, o *tempo linguístico*.

Sobre a noção de tempo físico Benveniste (1977) comenta:

El tiempo físico del mundo es un continuo uniforme y finito lineal sedimentable a voluntad tiene poco relato y el hombre una duración infinitamente variable que cada individuo mide de acuerdo con sus emociones y con el ritmo de su vida interior es una oposición bien conocida y sin duda no hay porqué detenernos en el de aquí. (BENVENISTE, 1977, p. 73)

A autora define *tempo físico* como um contínuo uniforme, infinito e linear exterior ao homem. Conforme Rojo e Veiga (1999, p. 2872), seu correlato humano é o tempo psíquico, que consiste na vivência que cada um tem com a passagem do tempo; esse *tempo físico* pode nos fazer sentir se o momento passa devagar ou rapidamente, essa experiência vai depender do tipo de atividade que cada indivíduo realiza.

Concernente a este *tempo* está o *tempo cronológico*, denominado por Benveniste (1977) de *tempo crônico*, que é o tempo dos acontecimentos de nossa própria vida, ou seja, durante nossa vida há uma sequência de eventos que experimentamos e/ou vivenciamos e podem ser vistos do ponto de vista *cronológico*.

Sobre o *tempo crônico* Benveniste (1977) afirma que:

Nuestro tiempo vivido corre sin fin y sin retorno es la experiencia común. Nunca recobramos nuestra infancia, ni el ayer tan próximo, ni el instante huido al instante. No obstante, nuestra vida tiene punto de referencia que situamos exactitud en una escala reconocida por todos y los que ligamos nuestro pasado inmediato o lejano. En esta contradicción aparente recibe una propiedad esencial del tiempo crónico que hay que aclarar. (BENVENISTE, 1977, p.73)

Conforme a autora, nosso tempo vivido corre sem fim e sem volta, e essa experiência é algo comum. Nunca iremos recuperar a nossa infância ou adolescência. Ela destaca que a vida do ser humano, ou melhor, a nossa vida tem um ponto de referência que colocamos com precisão em uma escala reconhecida por todos e ao qual ligamos nosso passado imediato ou distante. E para aferirmos esse *tempo cronológico*, como é sabido de todos, utilizamos o calendário que serve de cômputo desse *tempo cronológico*.

Benveniste (1977) afirma que o *tempo crônico* utiliza eixos de referência para situar melhor os acontecimentos no *tempo*. Conforme esta autora, o que dá posição objetiva dos acontecimentos e o que define nossa situação em relação a estes acontecimentos é o *ponto de referência*. Ela destaca que são os pontos de referência que nos informam no sentido próprio onde estamos na vastidão da história, além de informar qual nosso lugar em meio à sucessão infinita dos homens que viveram e das coisas que aconteceram.

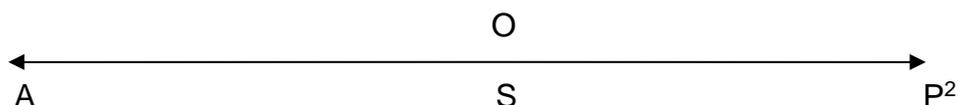
Para a autora são os pontos de referências que:

[...] dan la posición objetiva de los acontecimientos, y que así definen también nuestra situación con respecto a dichos acontecimientos. Nos dicen sentido propio dónde estamos en la vastedad de la historia, cuál es nuestro lugar entre la sucesión infinita de los hombres que han vivido y de las cosas que han pasado. (BENVENISTE, 1977, p.75)

Ao contrário do *tempo físico* e do *tempo crônico*, Benveniste (1977, p. 76) salienta que o *tempo linguístico* está ligado organicamente ao exercício da fala que se define e se ordena como função do discurso. Isso quer dizer que o *tempo linguístico* é estabelecido no momento da fala. Este momento da fala, ou seja, momento da enunciação é visto como a referência para localizar o tempo do acontecimento. A autora afirma que o *tempo linguístico* tem um ponto central, que é marcado no momento presente da instância da enunciação.

Além de ser o centro do *tempo linguístico*, conforme Benveniste (1977, p. 77) o *presente* também é o fundamento das oposições temporais da língua. É no ponto central, ou seja, no momento da fala, que se constitui a linha de separação entre dois outros momentos, e estes são inerentes ao exercício da fala. Partindo desse ponto central, teremos o *passado*, momento anterior à fala, e o *futuro*, momento posterior à fala. Isso quer dizer que um acontecimento pode ser concomitante ao presente ou não concomitante (anterior/posterior) ao presente.

Conforme a RAE (2010) o *tempo linguístico* permite localizar os eventos em relação ao momento da enunciação. Como já foi dito no início deste trabalho, Rojo e Veiga (1999) afirmam que o *tempo linguístico* pode ser representado por uma linha com um ponto central. Nesse mesmo sentido, Benveniste (1977) afirma que língua deve ordenar o tempo a partir de um eixo:



Benveniste (1977) afirma o seguinte sobre este eixo:

La lengua debe por necesidad ordenar el tiempo a partir de un eje, y éste es siempre y solamente la instancia de discurso. Sería imposible desplazar este eje de referencia y plantarlo en el pasado o en el porvenir; no pueden imaginarse qué sería de una lengua en que el punto de partida de la ordenación del tiempo no coincidiese con el presente lingüístico y donde el eje temporal fuera, él mismo, una variable de la temporalidad. (BENVENISTE, 1977, p.77)

Além de ser uma *categoria referencial*, de acordo com a RAE (2010), García Fernández (2008), entre outros autores, o *tempo verbal* é uma *categoria dêítica*. A palavra *dêítica* vem do termo *dêixis*, que é um termo que procede da palavra grega que significa *apontar* ou *indicar*. Nesse sentido, Fonseca (1996) afirma que o termo *dêixis* está relacionado com o gesto de apontar e constitui o modo como está gramaticalizada a inseparabilidade entre a linguagem e o contexto.

Baseando-se em Lyons (1979), Lavarda e Bidarra (2007) explicam que os dêíticos passaram a fazer parte da teoria linguística, tendo sido introduzidos para indicar os traços orientacionais da língua relacionados ao tempo e ao lugar do enunciado. Conforme os autores, a *dêixis* é uma manifestação típica presente na comunicação aberta que tem o objetivo de enfatizar os referentes e situá-los no momento da enunciação, num determinado espaço, em relação ao emissor e receptor durante uma conversação.

Ferreira (2006, p. 33) baseia-se em Levinson (1984) e afirma que a *dêixis* tem como modelo prototípico e focal o uso de demonstrativo, pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, tempos verbais, advérbios de lugar e tempos específicos e uma variedade de traços gramaticais ligados diretamente às circunstâncias do modo de falar.

Ainda se baseando em Lyons (1987), Lavarda e Bidarra (2007) reforçam que o ambiente referencial criado pelas *dêixis* permite a localização e a identificação de pessoas, objetos e eventos, atuando tanto na mente de quem fala quanto na mente daquele que ouve. Os autores ainda comentam que:

[...] há diferentes tipos de dêixis; dentre os quais citam-se os dêiticos pessoais (pronomes pessoais, pronomes possessivos, flexão verbal, vocativos e certas formas de tratamento); os dêiticos espaciais (determinantes, pronomes demonstrativos, advérbios apresentativos e certos verbos de movimento); e os dêiticos temporais (advérbios de tempo, desinências específicas. (LAVARDA; BIDARRA, 2007, p.315)

Segue abaixo alguns exemplos citados pela RAE para explicar o tempo verbal:

- (2) a. El tren salió puntualmente.
 b. El tren saldrá puntualmente.
 c. El tren entra lentamente en la estación.

(RAE, 2010, p.427)

Em (2a) e (2b), as orações não informam o momento preciso da saída, mas informam respectivamente que o ponto temporal é anterior e posterior ao momento que se emite o enunciado. Em (2c), a oração expressa, entre outras leituras possíveis, a simultaneidade da situação denotada com o momento da enunciação. As noções de anterioridade (*passado*), posterioridade (*futuro*) e simultaneidade (*presente*), conforme a RAE (2010), revelam a natureza relacional do *tempo linguístico* na medida em que refletem que os *tempos verbais* são ancorados ou orientados com outros pontos no *tempo*.

Em síntese, o significado dos *tempos verbais* pode ser obtido a partir de três pontos temporais de extensão variável: o *ponto da enunciação*, que orienta direta ou indiretamente os eventos, portanto, é o ponto que mais claramente revela a natureza dêitica do tempo verbal; o *ponto do evento*, que é o ponto em que o evento ocorre ou o intervalo que a situação ocupa; o *ponto de referência*, que é relevante para a localização dos eventos em linha temporal.

3.1.2 Modo

As diferentes modalidades que expressam os tempos verbais são denominadas de *Modo* (PALMER, 1986; RAE, 2010; SILVA, 2009). Vale destacar conforme sinaliza Bassols de Climent (1948 apud JIMÉNEZ JULIÁ 2015, p.2), que o que nós atualmente conhecemos como modo verbal, já era uma categoria estabelecida pelos gregos. Para eles, essa categoria era destinada a mostrar a atitude ou a disposição

mental do falante, isto é, a maneira como a ação verbal é concebida. Conforme Cunha e Cintra (2016, p. 394) “chama-se modo as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia”.

Segundo a RAE (2010), a categoria de *Modo Verbal* se caracteriza por uma ampla gama de valores gramaticais. Em seu sentido estrito, os modos representam paradigmas flexivos, ainda que às vezes seja defectivo ou incompleto, ou quando podem coincidir com elementos de outros paradigmas. A gramática tradicional reconhece três modos verbais: o *modo indicativo*, que indica ações completas; o *modo subjuntivo*, que indica possibilidades e o *modo imperativo*, que representa ordem ou instruções.

O *imperativo* é um modo verbal que sempre vai se referir ao momento atual, nunca ao momento passado ou futuro. Conforme Colomé e Saldanya (2021) o *modo imperativo* é considerado *unitemporal* e *unipessoal*. É unitemporal pelo fato de fazer referência ao desejo presente que o falante tem para com o interlocutor. É unipessoal porque é limitado a segunda pessoa (singular ou plural).

Vejam-se os exemplos desse tipo de modo:

- (3)
- a. Si vas a Salvador, *visita* las playas.
 - b. Por favor, *abre* la ventana de la sala.
 - c. *Entreguen* los documentos al director.
 - d. Para llegar al cine, *doble* a la derecha en la Avenida Siete.

Em síntese, em espanhol o modo imperativo pode indicar várias funções, entre elas, dar ordem, dar um conselho, fazer um pedido, dar instruções, fazer um convite etc. Como podemos ver, em (3a), o verbo está no imperativo e indica uma sugestão ou conselho, em (3b), o imperativo está indicando um pedido, já em (3c), o imperativo está indicando uma ordem e em (3d), o verbo está indicando uma instrução.

O modo subjuntivo indica o fato ou a ação de maneira incerta, duvidosa ou imprecisa, em outras palavras, indica desejos, sentimentos e possibilidades. De acordo com Colomé e Saldanya (2021) o subjuntivo se limita quase exclusivamente a contextos de subordinação.

Vejam-se os exemplos a seguir:

- (4) a. Me gustaría que *comprara* papas fritas.
b. Es posible que *compre* papas fritas.

Em (4a), temos um exemplo do modo subjuntivo por meio do verbo *comprara* que está sendo subordinado e indicando um desejo. Em (4b), o verbo *compre* está no modo subjuntivo indicando uma possibilidade.

Ao contrário do *modo subjuntivo* e *imperativo*, o *modo indicativo* indica uma certeza, uma ação concreta e objetiva em que não há desejo e nem ordem. É tipo de modo que não se limita apenas a segunda pessoa, como é o caso do modo imperativo. E este tipo de modo pode aparecer no presente, passado e futuro.

- (5) a. Ella tiene una niña muy guapa.
b. Ayer fuiste a la casa de mi padre.
c. Compraré unos regalos para mi hija.

Como podemos ver, em (5a), a sentença está no presente do modo indicativo, em (5b), a sentença está no pretérito perfeito do indicativo e em (5c), a sentença está no futuro simples do modo indicativo. Além desses tempos verbais que apresentamos, existem outros tempos verbais do modo indicativo, como: o pretérito perfeito composto, o pretérito imperfeito, pretérito pluscuamperfeito, futuro perfeito, condicional simples condicional composto e o pretérito anterior que está em desuso.

3.1.3 Aspecto

Já o *aspecto* verbal informa a estrutura interna dos acontecimentos, pois é o *aspecto* que permite informar a maneira como um evento ocorre ou se desenvolve. Comrie (1976) considera que o termo *aspecto* tem a tendência de ser menos familiar para os estudantes de linguística do que os termos para outras *categorias verbais*, como por exemplo, a *categoria de tempo*. O autor, ao trazer alguns exemplos de distinções aspectuais em algumas línguas, percebe que há uma confusão terminológica e conceitual de *tempo* e *aspecto*.

- (6) a. Juan *leyó* el libro de don Quijote.

b. Juan *estaba leyendo* el libro de don Quijote.

Se levarmos em consideração o tempo verbal, dessas duas sentenças, podemos afirmar que as duas apresentam informações de uma ação passada. Apesar das duas sentenças apresentarem uma ação passada, há diferença entre as duas e essa diferença não está relacionada com o *tempo* porque as duas expressam *tempo pasado*. A diferença dessas duas sentenças está no *aspecto* veiculado em cada uma delas. Na sentença (6a), apresenta um *aspecto perfectivo*, enquanto na sentença (6b), apresenta um *aspecto imperfectivo*.

Segundo Comrie (1976), Di Tullio (2014) e De Miguel (1999), entre outros autores, o *tempo verbal* é uma categoria dêitica porque localiza situações no tempo, geralmente com referência ao momento da enunciação, mas também com referência a outras situações, ou seja, localiza o evento verbal em um tempo externo. Já o *aspecto*, conforme Comrie (1976), não está preocupado em relacionar o *tempo* da situação a qualquer outro ponto no *tempo*, mas sim, com a constituição temporal interna de uma situação.

De Miguel (1999) explica que:

[...] el 'tiempo' es una categoría deítica: localiza el evento verbal en un tiempo externo, orientándolo bien en relación con el momento de habla, bien en relación con el tiempo en que tiene lugar otro evento. El aspecto, en cambio, se ocupa del tiempo como una propiedad inherente o interna del propio evento: muestra el evento tal y como este se desarrolla o distribuye en el tiempo, sin hacer referencia al momento del habla. (DE MIGUEL, 1999, p. 2989)

Ao contrário do *tempo*, que é uma *categoria dêitica*, o *aspecto* se ocupa do *tempo* como uma propriedade inerente ou interna do próprio evento. Em síntese, o *aspecto* mostra como o evento se desenvolve ou se distribui no *tempo*, sem fazer referência ao momento da enunciação. Di Tullio (2014), também explica que o *aspecto* diz respeito à forma como a temporalidade do acontecimento se apresenta. Isso significa que ele não se localiza em relação ao ponto de fala, mas especifica sua estrutura interna.

No que tange ao uso PPC na variedade mexicana, fez-se necessário falar sobre essas três categorias *tempo*, *modo* e *aspecto* para que pudéssemos contextualizar e compreender o objeto em estudo. Na próxima subseção, daremos continuidade à noção de *aspecto*: lexical e gramatical.

3.2 ASPECTO LEXICAL E GRAMATICAL

Conforme Hermont e Otini (2016), a noção de aspecto pode ser tratada pelo menos de dois pontos de vista: o *lexical* e o *gramatical*. As duas noções de aspecto podem ser distinguidas da seguinte forma:

O aspecto lexical, ou aktionsart, de um verbo consiste no modo como se encontra em uma estrutura e como tal verbo expressa evento, estado, processo ou ação. O aspecto lexical se distingue do aspecto gramatical porque o aspecto lexical é uma propriedade inerente de uma eventualidade, já o aspecto gramatical seria uma propriedade de uma realização sintática ou morfológica. O primeiro é invariável e o segundo é dependente da necessidade do falante. (HERMONT; OTONI, 2016, p. 138)

Quando a informação relacionada à maneira como um evento ocorre é fornecida pelos morfemas flexivos do verbo, na gramática tradicional é denominada de *aspecto gramatical*. O *aspecto gramatical* se expressa por meio das desinências verbais. De Miguel (1999) prefere usar o termo *aspecto flexivo* apesar de apontar que existem várias propostas terminológicas para essa categoria.

- (7) a. Patricia cerró la puerta.
b. Patricia cerraba la puerta.

(DI TULLIO, 2014, p.232)

Di Tullio (2014) comenta que ambos os pretéritos coincidem em sua localização temporal, pois se trata de um evento anterior ao *ponto da enunciação*. Em (7a), a oração considera o evento em sua globalidade. Em (7b), a oração seleciona um instante no transcurso do evento. Ou seja, em (7a), a oração afirma que o evento concluiu, mas em (7b), a oração não permite inferir necessariamente o mesmo. O PPS em (7a) representa o *aspecto perfectivo*, já em (7b), o *pretérito imperfeito* corresponde ao *aspecto imperfectivo*.

Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009), Comrie (1976), entre outros autores, afirmam que a distinção *aspectual gramatical* mais importante é a que existe entre o *aspecto perfectivo* e o *imperfectivo*. Esta distinção permite diferenciar os eventos completos com uma duração determinada *aspecto perfectivo* dos eventos incompletos que leva em conta seu princípio final *aspecto imperfectivo*.

Comrie (1976), ao falar sobre o *aspecto imperfectivo* o subdivide em dois: *imperfectivo habitual* e *imperfectivo contínuo*. O primeiro, o autor caracteriza como um período estendido no tempo que pode ou não apresentar uma *ação iterativa*. Já o *imperfectivo contínuo* se opõe a ação habitual.

Vejam-se os exemplos a seguir:

- (8) a. Maria *solía estudiar* en la madrugada.
b. Maria *estaba estudiando*.

Em (8a), temos um exemplo de frase com o *imperfectivo habitual*, pois *solía estudiar* caracteriza um período estendido do tempo. Já em (8b), temos um exemplo de frase com o *imperfectivo contínuo*, não há traço, nesse caso, de habitualidade, mas sim, de continuidade da ação no *tempo passado*. O *aspecto léxico*, também chamado de *Modo de Ação*, é obtido a partir da significação do predicado.

- (9) a. Albert *llegó* a Cusco.
b. Albert *vivió* en Cusco.

Em (9a), a oração denota uma situação *pontual*, mas em (9b), a oração denota uma situação *durativa*. Portanto, é aspectual essa oposição *pontual/durativa*, e isso é deduzido por meio do significado dos verbos *llegar* e *vivir*.

Conforme Comrie (1976), o *aspecto durativo* é caracterizado por uma situação que se estende por um período de tempo, enquanto que o *aspecto pontual* é caracterizado como um evento que não dura no tempo. Ao contrário do *aspecto durativo*, um *evento pontual* não é concebido como duradouro, mas é um evento que ocorre momentaneamente. O autor salienta que o ponto crucial de um *evento pontual* é que não tem nenhuma duração, nem mesmo uma duração de período muito curto, ou seja, não tem uma estrutura interna.

Vejam-se os exemplos a seguir:

- (10) a. Juan *llegó* a la meta.
b. Me *quedé* allí durante una hora.

Em (10a), temos uma sentença *pontual* que exprime um evento momentâneo,

enquanto que em (10b) apresenta uma sentença com *aspecto durativo*, nesse caso, podemos visualizar a sua estrutura interna, diferentemente da sentença (10a) que não apresenta uma estrutura interna e nem mesmo uma duração de período curto.

Agora que já apresentamos a noção básica dos dois aspectos gramaticais (o *imperfectivo* e o *perfectivo*) e também a noção básica dos dois aspectos lexicais (*pontual* e *durativo*), faz-se necessário apresentar outro aspecto denominado de *perfeito*. Conforme Comrie (1976), este aspecto é bastante diferente dos que até aqui apresentamos. Ele é diferente pelo fato de nada nos dizer sobre a situação em si, mas relaciona algum ponto a uma situação precedente, ou seja, não representa a constituição temporal interna de um evento.

Conforme o autor, o aspecto *perfeito* relaciona um estado presente a uma situação no passado.

- (11) a. I have lost penknife. – inglês
 he perdido mi navaja. (tradução nossa)
 b. I lost my penknife.
 perdí mi navaja. (tradução nossa)

Conforme Comrie (1976), sentenças como a (11a) apresentam o aspecto *perfeito*, enquanto que sentenças como (11b) apresentam o *aspecto perfectivo*. Em (11a) a ação de perder se estende até o momento presente, em outras palavras, o aspecto *perfeito* presente nessa sentença implica que o canivete ainda está perdido, já em (11b) não há essa implicação.

O autor ainda propõe que o aspecto *perfeito* seja subdividido em quatro tipos: *perfeito resultado* quando indica ao estado presente como resultado de um evento passado; o *perfeito experiencial* que indica que um evento ocorreu pelo menos uma vez durante o tempo passado até momento presente; o *perfeito persistente* quando indica que uma situação começou no passado e permanece até o presente; e, por fim, temos *perfeito de passado recente* que indica que a relevância no presente do evento no passado é de proximidade temporal, ou melhor dizer, a situação no passado é recente.

3.2.1 O aspecto lexical ou *Aktionsart*

O termo *Aktionsart* foi proposto inicialmente pelos linguistas alemães do final do século XIX e utilizado pela primeira vez por Sigur Agrell em seu trabalho de 1908 para descrever o sistema temporal em polaco. Aristóteles merece o mérito de ser o primeiro autor conhecido que observou a existência de diferentes classes de verbos em relação ao aspecto léxico. Foi no livro IX de sua *Metafísica* que ele notou a existência de verbos que denotam eventos que chegam a um ponto final e de verbos que denotam eventos que carecem desse ponto final. Ele se apoiou do *perfeito* grego para deixar clara a distinção entre os verbos que denominou de *kinesis* (como *construir, chegar, nascer*) e os verbos de *energia* (por exemplo, *trabalhar, ver e viajar*) (DE MIGUEL, 1999).

A noção de aspecto e a distinção dessas duas classes aspectuais desenvolvida por Aristóteles serve de base para os estudos posteriores sobre *aspecto verbal*. Nesse sentido, De Miguel (1999) explica que um evento com ponto final que se interrompe antes de alcançar o limite não ocorre; um evento que carece de ponto final, ocorre em qualquer momento do intervalo.

Vejam-se os exemplos a seguir:

- (12) a. *El avión ya ha llegado, pero seguirá llegando un rato más.
b. Juan ya ha viajado por toda Europa, pero seguirá viajando un año más.

(DE MIGUEL, 1999, p. 2982)

Em (12a), expressa uma forma agramatical porque a oração principal descreve um evento delimitado que alcançou seu limite interno, mas a oração subordinada expressa uma continuidade desse evento que no mundo real é impossível acontecer. Se o avião chegou, significa que o evento alcançou seu limite interno, por esse motivo, a oração subordinada não pode expressar uma continuidade desse evento porque a sentença se torna agramatical. Em (12b), a sentença é descrita por um verbo que carece de ponto final e por isso está aberta, admitindo continuação. Conforme De Miguel (1999), um verbo não delimitado como *viajar*, cujo final não se menciona, apresenta o evento enquanto ocorre, em desenvolvimento, e carrega a possibilidade de seguir ocorrendo como em (12b).

Além de informar sobre a maneira que um evento se desenvolve ou ocorre, o *aspecto* informa a extensão temporal do evento e também pode informar a sua intensidade. Conforme De Miguel (1999), o *aspecto* pode implicar uma mudança

(por exemplo, no caso de *amadurecer*) ou a ausência de mudança (por exemplo, no caso de *estar verde*); pode implicar um alcance de limite (por exemplo, o verbo *chegar*) ou carecendo desse limite (*viajar*); implica um evento de forma única (por exemplo, *disparar*) ou repetida (no caso de *metralhar*); implica um evento de forma permanente (*ser espanhol*), habitual (*cortejar*) ou intermitente (*piscar*).

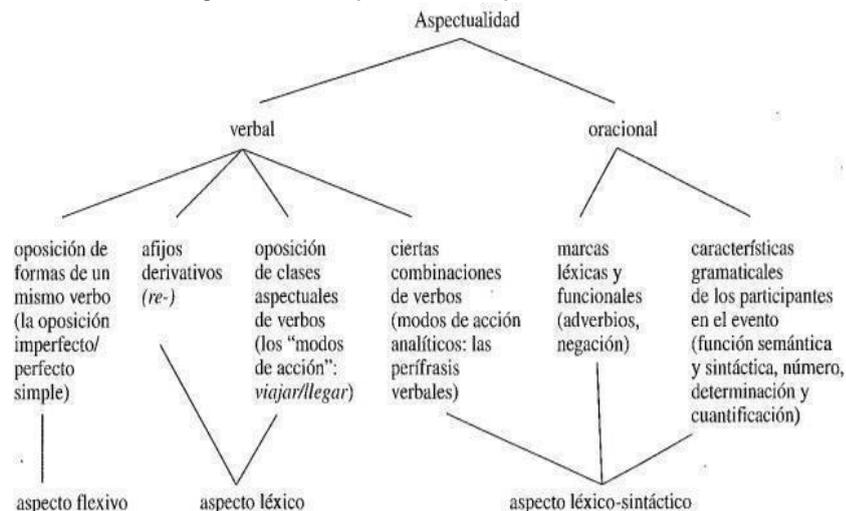
Levando em consideração a definição de *aspecto* apresentada por De Miguel (1999), os eventos podem ser caracterizados da seguinte forma:

Quadro 2 – Classificação de alguns eventos

| CLASSIFICAÇÃO | EXEMPLO |
|-----------------|-------------------------------|
| DINÁMICOS | MADURAR |
| ESTÁTICOS | ESTAR VERDE |
| DELIMITADOS | LLEGAR |
| NÃO DELIMITADOS | VIAJAR |
| SEMELFACTIVOS | HACER UN DISPARO, DAR UN BESO |
| ITERATIVOS | METRALLAR |
| PERMANENTES | SER ESPAÑOL |
| FREQUENTATIVOS | CORTEJAR |
| INTERMITENTES | PARPADEAR |
| DURATIVOS | SER INTELIGENTE, VIVIR |
| PONTUAIS | DORMIR |

Vale destacar que autora traz apenas algumas das possíveis classificações, pois existem outras possibilidades que iremos apresentar nesta pesquisa. De Miguel (1999) comenta que as informações apresentadas por ela relativas ao evento podem ser manifestadas nas diferentes línguas naturais, por meio de distintos procedimentos. A autora propõe um esquema para mostrar de forma resumida as possibilidades de expressão das distintas informações presentes na aspectualidade do espanhol:

Imagem 4 – Esquema de aspectualidade



Fonte: De Miguel (1999, p. 2993)

No caso da língua espanhola, a informação sobre o *aspecto léxico* pode estar contida na raiz verbal como é o caso de *llegar* frente a *viajar*. Nesse caso, será o comportamento verbal sintático do verbo que nos ajudará a compreender sua informação aspectual. Pode vir proporcionada por certos morfemas derivativos, como ocorre em *reipenar* frente a *peinar*. E também podem ser conduzidos por morfemas flexionais, por perífrase e por outros elementos do contexto em que um determinado verbo está incluído. Por exemplo:

- (13) a. Ella *llegó* de avión.
b. Ella *repeinó* los pelos.

Em (13a), a ação de *llegar* indica uma leitura aspectual *pontual*, e esta informação é percebida pela raiz verbal e pelo comportamento verbal sintático do verbo porque se no lugar de *llegar* fosse *llegaba*, já não teria a mesma leitura aspectual. Já em (13b), a informação está sendo proporcionada pelo morfema derivativo *-re*, em *reipenar*, que indica uma repetição da ação.

Não só os verbos são responsáveis por proporcionar o valor aspectual de um determinado evento, mas sim qualquer unidade léxica que atue como predicado. Por exemplo:

- (14) a. Este año Juan *ha muerto*.
b. Este año *ha muerto* mucha gente.

Observe que em (14a) a leitura que se tem sobre o predicado é *pontual*. *Este año João morreu*. Já em (14b), podemos ter outra leitura devido a unidades léxicas que atuam como predicado. Em síntese, são as unidades léxicas que atuam como predicado as responsáveis por proporcionar o valor aspectual de um determinado evento, por exemplo, se o evento é *pontual* ou *durativo*.

3.2.2 Classificação dos verbos e seus respectivos traços

Vendler (1967) ao fazer um estudo dos verbos em inglês propõe quatro classes aspectuais. E como critério de classificação, ele agrupa os verbos

denominados de *activities* (*atividades*) e *accomplishments* (*realizações*) de um lado, e os verbos denominados de *states* (*estados*) e *achievements* (*culminação/logros*) do outro lado. Vandler (1967) ao trazer algumas sentenças para cada classe que propõe, comenta o seguinte:

Isso mostra que o conceito de *activities* (*atividades*) exige períodos de tempo que não são únicos ou definidos. *Accomplishments*, por outro lado, implicam a noção de períodos de tempo únicos e definidos. De forma análoga, enquanto as *achievements* (*culminações*) envolvem instantes de tempo únicos e definidos, os *states* (*estados*) envolvem instantes de tempo em um sentido indefinido e não único. (VENDLER, 1967, p. 106-107 — nossa tradução)

Para o autor, os verbos denominados de *atividades* exigem períodos de tempo que não são únicos ou definidos. Os denominados de *realizações* implicam a noção de períodos de tempo único e definido. De forma análoga, como explica o autor, os *achievements* envolvem instantes de tempo único e definido, enquanto os estados envolvem instantes de tempo em sentido indefinido e não único. É considerado verbo de *estado* quando um evento não ocorre, mas se dá.

Vejam-se o exemplo abaixo:

(14) Maria es alta.

Em (14), o verbo *ser* é um tipo de verbo que não tem nenhuma possibilidade de expressar uma mudança. Ser alto é um evento que se dá. Portanto, esse tipo de verbo se dá de forma homogênea em cada momento do período de tempo em que se estende. Um *estado* está lexicamente incapacitado para expressar uma mudança ou progresso durante um período de tempo em que se dá, por exemplo: *ser alto, saber, odiar, estar, amar, ter*, entre outros verbos (DE MIGUEL, 1999).

Segundo Lopéz (2018), na classificação Vendleriana, os verbos de *atividades* são aqueles em que o evento dinâmico dura e não faz referência ao ponto final da eventualidade.

Vejam-se os exemplos:

- (15) a. Juan *corre* mucho.
b. Maria *escribe* cosas sobre su novio.

Em (15a), temos o verbo *correr* e em (15b), temos o verbo *escribir*, ambos são classificados como verbos de *atividades*. Observe que eles descrevem um evento dinâmico que dura e não faz referência ao ponto final da eventualidade. Conforme Lopez (2018) se incluem nessa classe os verbos de movimento contínuo, como o verbo *andar, dançar, correr, nadar*; os verbos que designam *atividades* que podem servir para descrever ao sujeito, por exemplo, *cantar, escrever, fumar, pintar* no sentido aproximado de *ser cantor, ser escritor, ser fumante, ser pintor*; os verbos que denotam *atividades físicas* não delimitadas, como o verbo *chorar, respirar, sorrir, beber, comer* e etc. Em geral, os verbos de *atividades* costumam ser verbos intransitivos, mas existem também verbos transitivos que denotam *atividades*.

Quando o evento expressa situações dinâmicas durativas télicas o verbo é classificado como verbo de realizações.

Vejam-se o exemplo:

(16) Maria *escribe* una carta.

Em (16), temos o verbo *escribir*, mas nesse caso, ele é classificado como verbo de *realização*. A Maria realiza essa ação de escrever e também termina essa ação. Nesse caso, a ação de escrever progride até um limite interno. Quando o verbo expressa situações dinâmicas delimitadas e de curta duração denominamos de verbo de *culminação*.

Vejam-se o exemplo:

(17) La niña de Maria *nació*.

Observe que o verbo *nacer* expressa, nesse caso, um evento delimitado e de curta duração. Isto é, esse verbo está descrevendo um evento que ocorre em um único e definido instante de tempo, sem nenhuma fase. Vale destacar, como afirmam Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009), que o estudo sobre as propriedades léxicas, que remota a Aristóteles, avançou consideravelmente no século XX na obra dos filósofos como Gilbert Ryle, Anthony Kenny y especialmente Zeno Vendler, que propôs essa classificação dos verbos que acabamos de apresentar. Nesse mesmo sentido, Wachowicz e Foltran (2006) comentam o seguinte:

A divisão das classes acionais mais utilizadas pela lingüística está em Vendler (1957). Essa classificação sistematiza uma discussão anterior que remota a Aristóteles e retoma os trabalhos de Ryle e Kenny (apud Vendler (1957)). A idéia de Vendler é a de que o uso do verbo pode sugerir uma forma particular de como tal verbo pressupõe e envolve a noção de tempo (time). Assim, as expressões verbais realizam diferentes esquemas de tempo (time schemata) que podem ser depreendidos da divisão quadripartite: estados, atividades, accomplishments e achievements. (WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006, p. 2012)

Segue abaixo um quadro que mostra os traços de cada categoria:

Quadro 3 – Classificação dos verbos e seus respectivos traços.

| | Delimitación | Duración | Dinamicidad |
|---------------|--------------|----------|-------------|
| Estados | - | + | - |
| Actividades | - | + | + |
| Realizaciones | + | + | + |
| Logros | + | - | + |

As quatro categorias costumam ser caracterizadas em função de três propriedades: a dinamicidade, a duração e a delimitação, conhecida também como telicidade. Como podemos observar, *Estados*, *Actividades* e *Realizaciones* são eventualidades que possuem [+duração]. A duração caracteriza aquelas situações que estão sujeitas a um desenvolvimento no *tempo* ou que se ocupam no *tempo*, por exemplo, o predicado *chorar* ou *trabalhar* é uma (*atividade*), *ler um jornal* ou *recitar uma poesia* é uma (*Realização*), *ser alto* ou *estar sujo* é um (*estado*). Os logros (*culminação*) são eventualidades com traços [+téllico] e [+dinamicidade], eles designam eventos pontuais, ou seja, não possuem duração: por exemplo, *chegar* ou *morrer*.

Bosque e Gutiérrez-Rexach (2009) destacam que os traços de dinamicidade, de duração e de telicidade servem de critérios para distinguir as classes propostas por Vendler (1967). Conforme o autor, o termo *Téllico* vem do grego *telos*, que significa final. A eventualidade télica ou delimitada tem um ponto final que se completa. Um predicado é considerado *téllico* quando existe uma delimitação na situação; as situações *delimitadas* ou *télicas* supõem uma culminação. São *télicos* os verbos que implicam um limite como *despertar*, *advertir*, *chegar*, *descobrir* e etc. Um traço [+durativo] denota um evento que supõe além da mudança de estado, um processo

que se estende ao longo do tempo. Uma eventualidade é durativa quando transcorre um fragmento de tempo, ou seja, ocupa um intervalo temporal. Já o traço [+*dinamicidade*] denota um evento que está sujeito a mudanças internas em seu desenvolvimento.

3.3 DIFERENÇA ASPECTUAL ENTRE O PPS E PPC

De acordo com González (1998) a maioria dos autores consideram que o PPS e o PPC coincidem em sua localização temporal porque se trata de um tempo passado. A forma simples (*canté*) remete a um passado remoto ou desligado do *momento da enunciação*. E a forma composta (*he cantado*), normalmente, remete a um passado próximo ou atualizado.

Vejam-se os exemplos abaixo:

- (18) a. Esta semana *hemos estudiado* portugués.
b. Hace dos semanas que *llegué* a México.

Em (18a), a forma composta indica um evento que ocorreu antes do ponto 0 do enunciado atual, porém guarda relação direta com o momento da enunciação. Já em (18b), a forma simples expressa um evento que ocorreu antes do ponto 0, ou seja, a um ponto anterior (*passado*) da enunciação, porém diferentemente da forma composta não guarda relação com o ponto 0, ou seja, com o *presente*.

Conforme a RAE (2010), o PPS localiza uma situação num ponto de linha temporal que é anterior ao momento da enunciação. Formas verbais como *canté* em algumas variedades expressam eventos completos ou acabados. Formas verbais como *he cantado* expressam anterioridade da situação denotada com respeito a um *ponto de referência* situado no *presente*. O PPC admite a *Interpretação de Antepresente* quando essa forma verbal é usada para fazer referência a certas situações pretéritas, sejam pontuais ou durativas. Essas situações têm lugar em um intervalo que se abre em um ponto inespecífico do passado e se prolonga até o momento da enunciação e o inclui. Por outro lado, o PPC admite uma segunda interpretação, denominada *Interpretação Perfectiva* ou *interpretação de aoristo*. Essa segunda interpretação ocorre quando a forma composta adquire o significado que corresponde ao PPS, como em *Ha muerto hace dos meses*, essa forma verbal *ha*

muerto adquire o mesmo significado correspondente a *murió*.

As formas verbais *canté* e *he cantado* são um dos fatos mais característicos da conjugação da língua espanhola, isso porque no espanhol não ocorreu, assim como em outras línguas românicas, o desaparecimento do PPS na língua falada diante do crescimento do perfeito composto (LLORACH, 1978). O autor ainda informa que nessas outras línguas românicas, o PPS é uma forma puramente literária e o PPC serve para indicar toda a ação ocorrida no passado. Llorach (1978) comenta que no espanhol moderno:

(...) los dos pretéritos son empleados en la lengua corriente, y el sentimiento lingüístico español impede sustituir el uno por el otro. Esta distinción de significado de las dos formas, basada en sentimientos lingüísticos muy finos, no es captada facilmente por los extranjeros y es difícil de ser explicada claramente en todos sus aspectos. Por ello, no es de extrañar que algunos investigadores no hispánicos creen que tal distinción es una invención de las gramáticas normativas y que el español usa un perfecto u otro indiferentemente, bien conforme a preferencias personales. (LLORACH, 1978, p.13-14)

Em algumas línguas românicas o PPC é usado para expressar exclusivamente uma noção temporal e o PPS é usado de forma puramente literária. Entretanto, Llorach (1978) afirma que diferentemente dessas línguas românicas, no espanhol atual, a forma simples *canté* e a forma composta *he cantado* praticamente convivem juntas. A distinção entre ambas as formas não é evidente e isso faz com que alguns pesquisadores que não são falantes nativos da língua espanhola acreditem que a distinção entre ambas as formas é uma invenção das gramáticas normativas e que no espanhol usa-se a forma simples ou a composta indiferentemente ou conforme as suas preferências pessoais.

Figuera (2017) afirma que, em geral, é sustentada a ideia de que entre o PPS e o PPC a oposição é de caráter temporal porque o uso de uma ou de outra forma depende fundamentalmente da distância do evento no tempo da enunciação. Schalkoski-Dias e Godoy (2004) comentam que no espanhol peninsular a oposição entre ambas as formas se relaciona com a noção de presente ampliado para o PPC, enquanto que a forma simples as ações são produzidas em algum intervalo do passado que obrigatoriamente exclui o momento da enunciação. Ainda sobre as duas formas pretéritas, as autoras comentam que a maioria dos estudos concordam com o fato de que em grande parte da América Hispânica essa oposição entre ambas as formas pretéritas não é de natureza temporal.

Araújo (2018) comenta que o PPC é diferente do PPS por que a forma composta apresenta um evento passado envolvido por uma percepção de presente *âmbito primário de coexistência* e que, por isso, guarda relação temporal de coexistência com o momento da enunciação *antepresente*, enquanto que a forma simples é envolvida apenas pelo *âmbito primário de anterioridade*. Conforme o autor, geralmente, a norma gramatical atribuir o PPC a um valor temporal de passado *imediatos e ampliado*.

Em síntese, o valor de passado imediato é atribuído ao PPC quando o momento de referência passa a ser mais limitado, e, conseqüentemente, a dada situação se torna mais próxima ao momento da enunciação. O valor de passado *ampliado* conhecido também como *experencial* é atribuído ao PPC para indicar que uma situação se manteve, pelo menos uma vez, durante algum tempo anterior de fala. Apesar de a norma gramatical atribuir o PPC a um valor temporal de passado *imediatos e ampliado*, Araújo (2018), ao discutir e descrever as possibilidades expressivas do PPC na língua espanhola, consegue identificar outros valores associados a essa forma verbal: *relevância presente, resultado, continuidade, passado absoluto, antepresente e prospectivo*.

Conforme o autor, o valor fundamental de *relevância presente* provém da observação das conseqüências resultantes *aspecto perfeito* de uma eventualidade passada, porém envolta pelo mesmo âmbito de referência presente que abarca a enunciação *tempus antepresente*.

O valor *resultativo* atribuída a forma *he cantado* acontece quando o PPC expressa o resultado de um estado ou ação que lhes são anteriores, porém este estado ou ação é considerado resultado atual ou pelo menos, conforme o autor, o resultado dessa ação é comprovado na atualidade. O valor de *continuidade* atribuído ao PPC descreve situações cuja a origem é anterior ao ponto zero. Apesar de descrever situações anteriores ao momento da enunciação, os eventos continuam se manifestando no presente e podem continuar em direção ao futuro *ponto posterior*.

Conforme o autor, existe um valor atribuído ao PPC que pode ser comparado com o valor atribuído ao PPS.

Vejam-se as sentenças a seguir:

- (19) a. Ayer he ido al cine. (Ontem fui ao cinema)

b. Hace tres años que se ha muerto mi padre.(Fez três anos que morreu meu pai.)

(ARAÚJO, 2018, p. 65)

Normalmente, a forma composta pode vir acompanhada de marcadores temporais como *hoy, este año, ahora, esta semana* e etc. Os exemplos (19a) e (19b) possuem marcadores que exprimem um passado concluído sem nenhuma relação com o presente. Os marcadores temporais como *ayer* e *hace tres años* mostram que a situação ocorreu dentro do *âmbito temporal de anterioridade* e não no *âmbito primário de coexistência*. Quando isso acontece, o valor atribuído ao PPC é denominado de passado absoluto.

Por fim, temos *antepretérito* e o *prospectivo* que também são valores atribuídos ao PPC. O valor atribuído ao PPC que designa algo que é objetivamente anterior a um evento ocorrido no *passado absoluto* é denominado de antepretérito. Araújo (2018) dá o seguinte exemplo:

(20) Ese tema se *ha politizado* y yo que *tuve* que hacer en aquel momento como responsable de la obra social, poner em funcionamiento os mecanismos naturais.

Conforme o autor, a ação *tuve* deve ser entendida como uma referência passada em relação ao momento da fala, porém posterior ao evento *ha politizado*. Já o valor atribuído ao PPC que expressam fatos em um *âmbito primário* de prospectividade *de referência de futuro* é denominado de *prospectivo*.

Vejam-se o exemplo a seguir:

(21) Mañana estas horas, ya *han terminado* ustedes.

(RAE, 2010, p. 439)

Conforme Araújo (2018), sentenças como (21) o PPC apresenta um valor de *antefuturo* ou *futuro anterior*. Conforme o autor, isso se deve pelo fato de ao anunciar (21) o indivíduo deve ter em mente que a ação *han terminado* é posterior ao momento da fala, porém é anterior à referência futura, neste caso, *mañana a estas horas*.

Como podemos perceber, muitos são os valores atribuídos ao PPC. Como dito anteriormente, essa forma verbal admite interpretação de *antepresente* e conforme a RAE (2010) há outra interpretação associada ao PPC:

El pretérito perfecto compuesto admite además una segunda interpretación, la llamada interpretación perfectiva o de aoristo, como en Ha muerto hace dos meses (uso característico del español boliviano, pero presente también en otras variedades), donde *era muerto* adquiere el significado que corresponde a *murió*. La interpretación de *antepresente* de *he cantado* se registra en la zona central y meridional del español europeo, era el costeño peruano, era el andino boliviano y colombiano, en el noroeste de la Argentina (desde Tucumán hasta la frontera con Bolivia), en la región central de este país (especialmente en el noroeste de Córdoba) y, en mayores restricciones, también en Cuba y otras zonas del área antillana. (RAE, 2010, p.438)

Ainda sobre o PPS e o PPC, a RAE (2010) acrescenta que em alguns países como Chile, grande parte da Argentina e no noroeste da Espanha e nas Ilhas Canárias, a forma *canté* substitui a forma *he cantado*, nesse caso, o valor atribuído ao PPC, conforme vimos em Araújo (2018), é de passado absoluto. Conforme veremos, parece que em algumas regiões, em especial, a variedade mexicana, a forma composta é atribuída a um valor aspectual *imperfectivo/durativo* e não a um valor *perfectivo/pontual* como vimos até aqui.

A RAE (2010) afirma o seguinte:

En México, muchos de los países centroamericanos y varios del área caribeña, entre lo que está Venezuela, el perfecto simple (CANTÉ) se usa para referirse a acciones acabadas en el pasado, como en Hoy estuvo más tranquilo (Excélsior 21/1/1997), mientras que el pretérito perfecto compuesto se reserva para referirse a acciones o situaciones que continúan, o siguen ABIERTAS, el presente: Siempre he vivido aquí. (sigo viviendo aquí); María no ha llegado (Se espera que llegue). (RAE, 2010, p. 438)

Segundo a RAE (2010), muitos países da central América, como o México e vários países da área caribenha, usam o PPS para se referir a ações acabadas no passado, enquanto que o PPC é reservado para se referir a ações durativas. Em outras palavras, no México e em países da área caribenha há uma distinção aspectual entre o PPS e o PPC em que a forma *canté* é usada para se referir a ações terminadas e perfeitas, enquanto que a forma *he cantado* é reservada para se referir a ações passadas que continuam ou seguem abertas no presente, ou seja, ações *imperfectivas/durativas*.

3.4 CONCLUINDO A SEÇÃO

Nesta seção, abordamos as noções de *tempo*, *modo* e *aspecto* já que estamos trabalhando com o uso do *PPC* na variedade mexicana. Apesar de o aspecto ser uma categoria menos discutida pela gramática tradicional, e, normalmente, menos familiar para os estudantes de linguística e estudantes de E/LE, nesta pesquisa, é de grande relevância compreender a noção de *aspecto* e saber diferenciá-lo das outras categorias, principalmente da categoria de *tempo*.

Nesse sentido, apresentamos os dois tipos fundamentais de aspecto: *aspecto léxico* e *aspecto gramatical*. Com relação ao aspecto gramatical, apresentamos a distinção entre o *aspecto perfectivo* e o *aspecto imperfectivo*. Ao falar sobre o aspecto léxico, fez-se necessário apresentar a distinção entre o *aspecto pontual* e *durativo*, já que o objetivo principal desta pesquisa leva em consideração a oposição entre esses dois tipos de aspectos.

No que tange ao objeto em estudo desta pesquisa, salientamos a importância que os *traços* têm dentro da *Teoria Gerativa*, e por esse motivo, após apresentar as duas noções de aspecto, apresentamos uma classificação dos tipos de verbos e seus respectivos *traços*. Vale destacar que essa classificação foi proposta por Vendler (1967) e é a mais utilizada pelos linguísticos. E para nossa pesquisa, esta classificação de verbos será muito útil para nossa análise sobre o valor aspectual veiculado ao PPC.

Conforme Vendler (1967), os verbos são classificados em *estados*, *atividades*, *realizações* e *logros*. Cada categoria costuma ser caracterizada em função de três *traços*: delimitação, duração e dinamicidade. Os verbos de *estados*, *atividades* e *realizações* são eventualidades que possuem traços [+duração]. Já os verbos de *logros* são eventualidades com traços [+telicidade] e [+dinamicidade], conforme apresentamos, estes verbos designam eventos *pontuais*, em outras palavras, não possuem duração. Por fim, apresentamos os valores atribuídos ao PPC do espanhol atual.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Esta pesquisa pretende analisar o uso do PPC da língua espanhola em duas cidades do México: Monterrey e Cidade do México. Monterrey é a capital do estado de Nuevo León e fica localizada no nordeste do país. E Cidade do México é a capital do país e fica localizada na parte centro-sul. Ao analisar o uso do PPC nessas duas cidades, recorre-se à averiguação do valor aspectual (*pontual* ou *durativo*) veiculado pelo PPC e a comparação dos resultados nessas duas cidades.

Este estudo se enquadra no campo da *lingüística gerativa*, situada no contexto da Teoria de P&P, possibilitando o entendimento do fenômeno referente ao papel dos Parâmetros como fator que explica o porquê de um número limitado de variações entre as línguas naturais.

Esta pesquisa pretende desenvolver um estudo qualitativo e quantitativo, visto que os dados analisados servirão de base para a verificação e compreensão de se tal fenômeno empregado no espanhol mexicano é diferente do espanhol em geral.

No que tange aos dados linguísticos, os predicados serão classificados quanto ao seu *aspecto* léxico inerente e quanto ao *aspecto* veiculado composicionalmente a partir de cada contexto. Por fim, será verificado se ocorre a variação do PPC e, caso ocorra, buscaremos fazer uma descrição de quais predicados a favorecem para que se tenha o valor *durativo* ou *pontual*.

A forma de coleta dos dados ocorrerá através de um *corpus* oral que advém do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América* (PRESEEA) para verificar se e como ocorre a variação do PPC no espanhol mexicano. O *corpus* oral possui um público com diferentes níveis de escolaridade, assim como diferentes idades. Faz parte de um projeto sociolingüístico que agrupa cerca de 40 equipes de investigação de fala do espanhol europeu e do espanhol da América. O PRESEEA é um projeto para a criação de um *corpus* de língua espanhola falada representativa do mundo hispânico em sua variedade geográfica e social. Ademais, é composto por mais de 39 regiões, cuja língua falada nessas regiões é a língua espanhola.

Esses materiais são reunidos levando em consideração a diversidade sociolingüística das comunidades de língua espanhola. O PRESEEA é resultado do trabalho coordenado de pesquisadores comprometidos com uma metodologia comum para reunir um banco de materiais coerente que possibilite sua aplicação

para fins educacionais e tecnológicos.

Justificamos a nossa escolha em trabalhar com os dados desse projeto, justamente, porque os materiais do corpus PRESEEA podem ser consultados gratuitamente. Trabalhamos com 16 entrevistas. Segue abaixo um quadro com as informações de cada entrevista:

Quadro 4 – Informações de cada entrevista

| Informante | Código da entrevista | Gênero | Idade | Cidade |
|------------|----------------------|--------|-------|-------------|
| I | MONR_M22_060 | Mulher | 39 | Monterrey |
| II | MONR_H33_099 | Homem | 58 | Monterrey |
| III | MONR_H13_025 | Homem | 30 | Monterrey |
| IV | MONR_H32_86 | Homem | 56 | Monterrey |
| V | MONR_H21_041 | Homem | 41 | Monterrey |
| VI | MONR_H12_016 | Homem | 22 | Monterrey |
| VII | MONR_M33_106 | Mulher | 59 | Monterrey |
| VIII | MONR_M31_082 | Mulher | 63 | Monterrey |
| IX | MEXI_H22_054 | Homem | 40 | D.F, México |
| X | MEXI_H13_006 | Homem | 29 | D.F, México |
| XI | MEXI_H11_078 | Homem | 27 | D.F, México |
| XII | MEXI_M11_084 | Mulher | 21 | D.F, México |
| XIII | MEXI_M12_048 | Mulher | 27 | D.F, México |
| XIV | MEXI_M33_30 | Mulher | 72 | D.F, México |
| XV | MEXI_M13_012 | Mulher | 24 | D.F, México |
| XVI | MEXI_M21_096 | Mulher | 37 | D.F, México |

Fonte: (autoria própria)

Conforme o quadro, selecionamos 16 entrevistas que variam de 2005 a 2010, sendo 8 informantes da Cidade do México e 8 informantes de Monterrey. Temos informantes de todos os níveis de escolaridade e a idade varia entre 21 a 71 anos de idade. Selecionamos informantes tanto do sexo masculino como do sexo feminino, mas ao considerar a amostra discrepante entre homens e mulheres, não analisamos o fator extralinguístico gênero.

Iniciamos esta seção falando que nosso interesse nesta pesquisa é analisar o uso do PPC em duas cidades mexicanas, afim de verificar qual *aspecto* léxico está vinculado a ele. Mostramos que pretendemos desenvolver um estudo qualitativo e quantitativo e que este estudo se enquadra no campo da *Teoria Gerativa*. Por fim, apresentamos o *corpus* que vamos trabalhar e fizemos um quadro que mostra as principais informações referente ao *corpus* escolhido.

4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA ANÁLISE DOS DADOS

No México, conforme vimos, Lope Blanch (1992) afirma que as formas verbais *canté/he cantado* obedecem a razões de índole essencialmente aspectual. Na variedade mexicana, a forma simples expressa uma ação perfeita, acabada, concluída, mesmo que seja um passado imediato. A forma composta, nessa variedade, faz referência a uma ação imperfeita, inacabada. É um passado que chega ao presente e pode se estender até o futuro. Nesse mesmo sentido, Moreno de Alba (2002) argumenta que as diferenças de significados entre determinados empregos do perfeito composto não podem ser explicadas atendendo somente ao tempo gramatical, ou como preferem alguns, à temporalidade verbal. O autor afirma que, no espanhol mexicano, a diferença entre ambas as formas não é somente temporal, mas provavelmente aspectual.

O objetivo principal desta pesquisa, ao levar em consideração a oposição do *aspecto pontual e durativo*, é analisar e descrever como o *aspecto* veiculado ao PPC do espanhol se materializa na variedade mexicana. Nossa hipótese é a seguinte: o PPC, no México, possui um *aspecto durativo* e os predicados que aparecem com esse tempo só podem ser predicados cujo *aspecto léxico* não seja *pontual*, a menos que, composicionalmente, haja uma mudança do valor *pontual* para *durativo*.

Para que seja possível tomar como objeto de estudo um *traço* aspectual, faz-se necessário uma diferenciação do *aspecto durativo e pontual* nesse estudo. Como vimos, o *aspecto* lexical refere-se às propriedades dos verbos e outros itens empregados pelo falante para descrever um evento. De acordo com Comrie (1976), um evento durativo é caracterizado por uma situação que se estende por um período de tempo, a situação começa no passado, se estende até o presente e pode ir até futuro. Já o evento *pontual* não possui nenhuma duração. Sobre a oposição de eventos durativos com pontuais, Comrie (1976) fala o seguinte:

O oposto da duratividade é a pontualidade, que significa, assim, a qualidade de uma situação que não dura no tempo (não é concebida como duradoura no tempo), que ocorre momentaneamente. Note-se que o ponto crucial aqui é que situações pontuais não têm duração, nem mesmo duração de período muito curto. Assim, uma situação pontual, por definição, não tem estrutura interna e numa língua com formas imperativas separadas para indicar referência à estrutura interna de uma situação, então claramente a pontualidade e a imperfectividade serão incompatíveis. (COMRIE, 1976, p. 41-42 nossa tradução)

Como vimos na seção anterior, além de tratar da oposição do *aspecto imperfectivo x perfectivo, durativo x pontual*, Comrie (1976) tratou também de apresentar o *aspecto perfeito* e de classificá-lo em quatro tipos: *perfeito resultado, perfeito experiencial, perfeito persistente* e *perfeito de passado recente*.

Outros autores também propuseram uma classificação para o *aspecto* que Comrie (1976) denomina de *perfeito*. Conforme Latridou et al (2003) o *perfeito* pode ser subdividido em dois tipos: *perfeito universal* e *perfeito existencial*. O *perfeito universal* seria o mesmo que Comrie (1976) denominou de *perfeito persistente*. Já o *perfeito existencial* engloba os outros três tipos que Comrie (1976) denominou de *perfeito resultado, perfeito experiencial* e *perfeito de passado recente*.

Conforme os autores, o que diferencia esses dois tipos de *aspecto* é a inclusão do momento presente na situação. O *aspecto perfeito universal* inclui o momento da situação, já o *aspecto perfeito existencial* não o inclui. Muitos autores ao analisar o PPC da língua espanhola se baseiam em Comrie (1976), Harris (1982), Reichenbach (2004), entre outros autores, para poder discutir e entender os valores associados ao PPC.

Araújo (2018), ao fazer uma análise semasiológica do PPC da língua espanhola, apresenta os valores que podem estar associados a essa forma verbal. Vejamos a figura que o autor utilizou para mostrar os valores atribuídos ao PPC pela norma gramatical.

Imagem 5: Valores atribuídos ao PPC pela norma gramatical

| VALORES | AUTORES | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|------------------------------|---------------------------------|-------------|---------------------------|------------------------|-------------------|--------------------------|-------------------------|--|---------------------------------------|---------------------|-----------------------------|------------------------------|------------------|------------------------|----------------|------------------|
| | NEBRILIA (1980) ⁷ | BELLO (1972, 1999) ⁸ | LENZ (1920) | KANY (1970) ¹⁰ | GARCÍA DE DIEGO (1951) | GILI GANYA (1979) | RAE (1986) ¹¹ | ROJO (1974, 1990, 1999) | ALARCOS LLORACH (1980, 2005) ¹² | HERNÁNDEZ ALONSO (1996) ¹³ | PORTO DAPENA (1989) | KOVACCI (1992) (1995, 2001) | GUTIÉRREZ ARAUS (1995, 2001) | CARTAGENA (1999) | QUESADA PACHECO (2001) | TORREGO (2002) | RAE (2009, 2010) |
| 1 Antepresente Específico | + | + | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| 2 Antepresente Imediato (hodierno) | - | + | - | + | + | + | + | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| 3 Antepresente Ampliado (experiencial) | - | + | - | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| 4 Relevância Presente | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| 5 Resultativo | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| 6 Continuidade | - | + | - | - | + | + | + | - | + | + | + | + | + | + | + | + | + |
| 7 Passado Absoluto | - | - | + | + | - | - | + | + | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 8 Antepretérito | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |
| 9 Prospectivo | - | + | - | - | - | - | - | + | - | - | - | - | - | + | + | + | + |

Fonte: Araújo, 2018, p.50

Conforme a imagem 5, vários são os valores que podem estar associados ao PPC da língua espanhola, inclusive os de *resultado, continuidade* e *passado absoluto*.

Sobre o PPC da língua espanhola Araújo (2018) afirma o seguinte:

[...] é uma forma verbal eminentemente polissêmica que transita entre valores de concepção temporal, aspectual e pragmático. Desse modo, não é possível limitá-lo a expressão do valor de antepresente e de seus matizes apenas, mas há de se reconhecer que há ainda a possibilidade de lhe atribuir sentidos de ordem mais pragmático, como o de relevância presente, ou mais aspectual, como o de resultado e de continuidade, ou ainda com base mais temporal, como os sentidos de passado absoluto, antepretérito e prospectivos, que como vimos, carregam consigo marcas aspectuais e pragmáticas que permitem relacionar a situação descrita com o momento de enunciação. (ARAÚJO, 2018, p.68)

Independentemente de o valor associado ao PPC estar relacionado a um passado recente, ou de estar relacionado ao estado presente como resultado de um evento passado ou de estar relacionado ao evento que ocorreu pelo menos uma vez, vamos classificar esses eventos como pontuais. Já as situações em que o PPC expressa um evento que ocorreu no passado, continua no presente e tem a possibilidade de se estender até o futuro, vamos classificar esses eventos como durativos.

4.2 DADOS DA ANÁLISE

Para descrição e análise dos dados desta pesquisa, utilizamos 16 entrevistas do *corpus* que selecionamos e encontramos o total de 427 ocorrências do PPC. Observem a tabela abaixo:

Tabela 1 – Ocorrências gerais do PPC no espanhol mexicano

| | Nº | % |
|----------------|-----|-------|
| Valor durativo | 213 | 49,8% |
| Valor pontual | 214 | 50,2% |

Fonte: (autoria própria)

Conforme podemos observar, encontramos 427 ocorrências do PPC nas duas cidades mexicanas. Desse total, entre as duas cidades, 49,8% (213 ocorrências) estão vinculadas ao valor durativo e 50,2% (214 ocorrências) estão vinculadas ao valor pontual. Com esses dados, podemos afirmar que a variedade mexicana de fato apresenta o valor aspectual durativo, mas também apresenta, em expressiva proporção, o valor pontual veiculado ao PPC.

4.2.1 Descrição e análise dos dados

Nos exemplos abaixo, podemos constatar que o uso do PPC na variedade mexicana está veiculado ao valor aspectual *durativo* e, também, ao *valor pontual*. Nos enunciados de (1) a (3) apresentamos o PPC veiculado ao *aspecto pontual*. E nos enunciados de (4) a (13) apresentamos o PPC veiculado ao *aspecto durativo*.

- (1) *los temas de que si alguien como la pregunta que me hizo ahorita se alguna vez **he viajado** a Japón.*³ (MONR_H32_086)⁴

No enunciado (1), classificamos *he viajado* como verbo de *realização*, apesar desse tipo de verbo apresentar o *traço* [+duração], nesse caso, identificamos o valor aspectual veiculado ao PPC quando o informante usa *alguna vez* dando a ideia de *aspecto pontual*. No português, essa sentença poderia ficar da seguinte maneira: [...] *como a pergunta que você me fez se alguma vez viajei ao Japão*.

- (2) *ella **ha venido** a mi casa dos o tres veces y pos entonces mi mamá pos se molestó.* (MONR_M22_060)

Neste enunciado (2), a forma composta é formada com um verbo de *culminação* com *traço* [+pontual] e a leitura que identificamos é de *aspecto pontual*. Contrastando com o português, ficaria da seguinte maneira: *ela veio a minha casa duas ou três vezes e minha mãe se chateou*. De acordo com a classificação feita por Comrie (1976), situações como esta é classificada como *perfect experencial* porque está indicando que o evento ocorreu pelo menos uma vez durante um tempo no passado até o presente.

- (3) [...] *ya le **he regañado** ya, no comas tanto chile porque te va a hacer daño* (MEXI_21_096)

Neste enunciado (3), classificamos o verbo *regañar* como verbo de *logro* já que apresenta uma delimitação na ação e a leitura que se tem nessa forma verbal é

³ Para facilitar a leitura, apresentamos os exemplos do corpus editados/limpos sem os símbolos usados na transcrição.

⁴ Os dados entre parênteses após os exemplos referem-se à identificação da entrevista no *corpus*.

de *aspecto puntual*. Justificamos essa classificação e a leitura aspectual, justamente por não apresentar *traço* de [+duração] e por estar acompanhado do marcador temporal *ya*, marcadores como esses dão ideia de uma ação concluída.

- (4) *hace ratito / me dijo un señor / dice oiga / dice ¿cómo **ha estado**? ligo pos bien gracias a dios / estamos bien / estamos sanos todos* (MONR_H33_099)

Neste enunciado (4), temos uma oração interrogativa com um verbo de *estado*. A pergunta é feita no PPC, mas a resposta está no presente do indicativo. Isso evidencia que o valor aspectual, dessa oração, não é *puntual*, mas sim, *durativo*.

- (5) *la industria automotriz ha **cambiado** muchísimo desde hace veinte ahorita, hace veinte años la gente traía su carrito usado y le iba dando mantenimiento despacito, venía compraba las bujías, después compraban el aceite, el filtro de aire y lo va juntando para hacele la* (MONR_H33_099)

Neste enunciado (5), identificamos o *valor durativo* vinculado ao PPC com um verbo de *atividade* que possui *traços* de [+duração] e [+dinamicidade]. Nesse caso, desde *hace* é que evidencia o valor aspectual processual e *durativo*. Seria o mesmo que dizer que a indústria tem mudado muito, desde vinte anos atrás até o momento da enunciação, em outras palavras, mudou e pode continuar mudando. O informante expressa que faz vinte anos que começou a ser diferente, ou seja, tem mudado de vinte anos para cá. Por isso, a leitura que se tem é *durativa* e não *puntual*.

- (6) Entrevistador: *mire este qué calor esta haciendo ¿verdad?*
 Informante: *sí, en verdad, sí **ha estado** el tiempo un poquito caloroso*
 (MONR_H32_086)

No enunciado (6), o entrevistador faz a seguinte pergunta para o informante: *Qué calor está haciendo, ¿verdad?* Logo, o informante responde o seguinte: *Sí, ha estado el tiempo un poquito caloroso*. Temos novamente a forma composta com um verbo de *estado*, mas pelo contexto é possível afirmar que este enunciado tem uma leitura *aspectual durativa*, pois a pergunta feita ao informante *Que calor está*

fazendo, verdade? requer uma resposta com o mesmo aspecto. Temos na pergunta do entrevistador uma perífrase verbal (*está + haciendo*) que expressa uma ação que está em curso no momento da enunciação.

- (7) *y he sentido que de unos ocho años para cá, la cuestión esta climática. **Ha sido** más como contrastada más por momentos. Es mucho calor y luego a veces al otro día hace lluvia y luego frío y, impresionante, impresionante, ejemplo ahorita en octubre, de día, el día hace mucho calorcito, mucho.*
(MONR_H13_025)

No enunciado acima (7), apesar dos verbos *sentir* e *ser* possuírem traços de [+duração] por serem verbos de estado, é o complemento *de unos ocho años para cá* que favorece para se ter uma *leitura durativa*. A informante tem sentido uma mudança climática e essa questão climática tem sido mais contrastada de lá para cá entre calor e frio. Ou seja, essas duas formas verbais indicam uma ação que vem ocorrendo e pode ser prolongada até o futuro.

- (8) *en mi caso eh últimamente no **he hecho** no **he hecho** grabaciones no he grabado batería ni percusiones para ningún grupo pero cuando se da el caso pasas depende del tiempo que en el que tengas que hacer la grabación pero pasas a veces eh días sin comer o metido en el estudio porque hay que repetir las tomas y repetir y repetir hasta que salgan las salgam canciones o lo que te corresponde hacer a ti* (MONR_H13_025)

Com relação a este enunciado (8), acreditamos ser relevante apresentá-lo justamente porque a forma verbal composta vem acompanhada do marcador temporal *últimamente*. Esse marcador favorece para que o evento tenha uma *leitura durativa*. Esta oração equivale o mesmo que diríamos em português: *Ultimamente não tenho feito gravações, não tenho gravado [...]*. Os verbos *hacer* e *grabar* são verbos de atividades com traços de [+duração] e [+dinamicidade], além do marcador *últimamente* ter favorecido para o valor *durativo*, neste caso, os verbos também favoreceram para essa leitura.

- (9) Entrevistador: *¿asistes a conciertos?*

Informante: *estoy con, creo que estoy un poco, este, como en ¿cómo se llama? como en luto porque, porque hace algunos años hasta hace unos tres años mi asistencia conciertos era más o menos regular, pero últimamente **he tenido** que ajustar, el presupuesto y, y estoy yendo a pocos conciertos (MONR_H13_025)*

No enunciado (9), temos a forma composta com o verbo de *estado* que possui traço de [+duração], o que poderia contribuir para uma *leitura durativa*. Entretanto, vimos durante a nossa análise que nem sempre o evento com um verbo de *estado* ou *atividade* vai ter uma *leitura durativa*, essa leitura vai depender do contexto e dos elementos que constituem o predicado. Neste caso, o marcador temporal *últimamente* está favorecendo para que se tenha uma *leitura durativa*.

(10) *te lo juro que ahorita últimamente me **he sentido** ¡tan cansado! o una de dos, o ya me estoy relajando, que todo está saliendo bien (MEXI_H13_006)*

No enunciado (10), ao observarmos o contexto, o tipo de verbo e, também, o marcador temporal *últimamente*, concluímos que neste enunciado temos a forma composta com *leitura durativa*. Contrastando com o português, seria o mesmo que dizer: [...] *últimamente* *tenho me sentido tão cansado!*

(11) *yo últimamente que **he platicado** con tu mamá, platica así más de ti (MEXI_H22_054)*

No enunciado (11), temos um verbo de *atividade* com traço de [+duração], apesar de o verbo contribuir para que se tenha uma *leitura durativa*, o que realmente nos assegura que este enunciado tem uma *leitura durativa* é o contexto e a utilização do marcador *últimamente*. Na análise, observamos que o informante principal da entrevista fala sobre a mãe do informante secundário. De acordo com o contexto, o informante principal fala que *últimamente* *tem falado com a mãe do outro informante*, e ainda afirma que ela fala mais dele.

Ao analisar o valor aspectual veiculado ao PPC, verificamos que para se ter uma *leitura durativa* veiculada a esta forma verbal na variedade mexicana, é necessário a existência de algum elemento que evidencie esse *aspecto*. Por exemplo, no enunciado (4), o elemento que evidencia a *leitura durativa* é a resposta

dada no presente do indicativo. No enunciado (5), o elemento *desde hace* que está evidenciado essa *lectura durativa* na forma composta. Em (6), o entrevistador usa a perífrase verbal estar + gerundio para afirmar que está fazendo calor e pergunta ao informante se ele concorda: “*Qué calor está haciendo ¿verdad?*” Nesse caso, é a resposta dada ao entrevistador que evidencia o *valor durativo*. No enunciado (7), o elemento que evidencia o valor durativo é *ocho años para cá*. Nos enunciados (8), (9), (10) e (11), o que evidencia o valor durativo veiculado ao PPC é o marcador temporal *últimamente*. Além do marcador, o contexto com uso do tempo no presente do indicativo ou com perífrase verbal nos ajudou na identificação da *lectura aspectual*.

Nesta subseção, apresentamos os dados das duas cidades mexicanas: Monterrey e Cidade do México. Por meio do quadro 4 apresentamos as 16 entrevistas que selecionamos. Encontramos no total de 427 ocorrências do PPC, sendo que 49,8% estão veiculadas ao *valor durativo* e 50,2% estão veiculadas ao *valor pontual*. A identificação da *lectura durativa* foi possível por meio de alguns elementos que evidenciaram esse valor aspectual.

4.2.2 Aspecto léxico veiculado por cada tipo de verbo

A fim de verificar quais verbos podem aparecer com o *valor durativo*, classificamos todos os verbos de acordo com a classificação proposta por Zeno Vendler (1967). A classificação dos verbos são as seguintes: *State (Estados)*, *Activities (Atividades)*, *Accomplishment (Realizações)* e *Achievement (Logros/Culminação)*. A tabela a seguir mostra o seguinte resultado:

Tabela 2 – classificação dos verbos

| Classificação dos Verbos | Valor durativo | | Outros valores | |
|--------------------------|----------------|-------|----------------|-------|
| | Nº | % | Nº | % |
| <i>Estados</i> | 92 | 63,9% | 52 | 36,1% |
| <i>Atividades</i> | 71 | 53,8% | 61 | 46,2% |
| <i>Realizações</i> | 14 | 38,9% | 22 | 61,1% |
| <i>Logros</i> | 21 | 21,0% | 79 | 79,0% |

Fonte:(autoria própria)

Como é possível observar, no corpus analisado, os predicados de *estado* e *atividade* apresentam respectivamente 63,9% e 53,8% de usos *durativos* em relação

aos outros valores. Já os predicados que menos aparecem com *leitura durativa* são os de *realização* com 38,9% e os de *culminação (logros)* com 21,0% em relação aos outros valores. Nota-se, ao analisar os dados acima, que há uma predominância do *valor durativo* em verbos de *estados e atividades*.

Vale salientar que verbo de *realizações* e verbo de *culminação* possuem traços [+pontual] e [+telicidade]. Nossa hipótese inicial era que o PPC da variedade mexicana possuía o *valor durativo* e os predicados que apareceriam com esse tempo só poderiam ser predicados cujo aspecto léxico não fosse *pontual*, a menos que, composicionalmente, houvesse uma mudança do valor *pontual* para *durativo*.

Seguem abaixo dois enunciados que corroboram nossa hipótese:

- (12) *ahí va cortar hacia la derecha por un entronque no me **he ido** últimamente por ahí pero debe de decir nogales o debe de decir Parás Nuevo León y debe de estar agregado por ahí Sombreretillo (MONR_H32_086)*

No enunciado (12), temos a forma composta com um verbo de *culminação (logro)*, porém a leitura que percebemos neste enunciado é de *aspecto durativo*. Apesar do verbo *ir* ser classificado como verbo de *culminação (logro)* e este tipo de verbo possuir traço [+pontual], a leitura que se tem neste enunciado é de *aspecto durativo*. No português seria o mesmo que dizer: [...] *não tenho ido ultimamente por ali[...]*. Ou seja: a combinação com o advérbio *ultimamente* muda a *leitura pontual* do predicado *ir* para *leitura durativa*.

- (13) *cuando voy a las reuniones de mis amigas anteriores todas hablan de que oye no salen la prensa pero fíjate que a fulanito le pasó fíjate que a menganito le pasó y eso yo no lo vi en la prensa y viene la muchacha que trabajó conmigo hace mucho tiempo no señora es que ahí enfrente de mi casa han **matado** a muchos y éstos no salen en la prensa y es quen frente de no sé donde yo menteré que y éstos tampoco salen en la prensa (MONR_M33_106)*

Neste enunciado (13), apesar de o verbo *matar* fazer parte da classe de verbos de *culminação*, tem-se o exemplo do PPC vinculado a uma ação *iterativa*. O verbo *matar* não está nessa frase representando uma ação *pontual*, entretanto, o verbo *matar* está representando uma repetição da mesma ação. Ou seja, a

informante comenta para o entrevistador que uma moça que trabalhou com ela há muito tempo, falou que em frente à sua casa tem-se matado a muitos e que esses não saem na imprensa. Verificamos que ação de *matar*, neste enunciado, possui o valor *iterativo/durativo* porque logo depois a informante comenta com um verbo no presente do indicativo *salen* (*saem*). Isto mostra que a ação possui uma leitura *durativa/iterativa*. Se estivesse relacionada a uma *leitura pontual*, o verbo *salir* (*sair*) teria que estar pelo menos conjugado no PPS, como em: *han matado a muchos y ésos no salieron en la prensa*.

Nesta subseção, verificamos quais tipos verbos podem aparecer com o valor durativo, para isto, recorreremos a classificação proposta por Vendler (1967). Conforme o autor, os verbos são classificados em: *estados*, *atividades*, *realizações* e *logros*. Ao analisar o PPC, nas duas cidades mexicanas já mencionadas, verificamos que o tipo de verbo que mais aparece com o *valor durativo* é o de *estado* e em segundo lugar é o verbo de *atividade*. Apesar de os verbos de *realizações* e *logros* possuírem *traços* de [+pontualidade], encontramos dados em que o PPC estava veiculado ao valor *durativo* mesmo com verbos de *realizações* ou de *logros*. Em (13), por exemplo, o verbo *matar*, de acordo com a proposta de Vendler (1967), é classificado como verbo de *culminação/logro*, porém devido aos elementos que estão neste enunciado, foi possível identificar que a leitura veiculada ao PPC é *durativa*. Portanto, o PPC com verbos deste tipo precisará de elementos que evidenciem o valor aspectual *durativo*, caso contrário, terá a leitura aspectual *pontual*.

4.2.3 O PPC nas duas cidades mexicanas

A fim de verificar se há variação dialetal, quantificamos os dados das duas cidades mexicanas:

Tabela 3 – Valor da forma composta

| | PONTUAL | | DURATIVO | |
|------------------|---------|-------|----------|-------|
| | nº | % | Nº | % |
| Cidade do México | 116 | 48,7% | 122 | 51,3% |
| Monterrey | 97 | 51,3% | 92 | 48,7% |

Fonte: (autoria própria)

Conforme podemos observar, encontramos 238 ocorrências do PPC na Cidade do México, 51,3% das ocorrências encontradas têm o *valor durativo* e 48,7% das ocorrências encontradas estão relacionadas ao *valor pontual*. Em Monterrey, encontramos o total de 189 ocorrências, sendo 48,7% com *leitura durativa* e 51,3% relacionado à *leitura pontual*. Apesar do número de ocorrências com o *valor durativo* ser menor em Monterrey, isso não anula o que já é possível afirmar de que tanto em Monterrey como na Cidade do México há o uso do PPC com *leitura durativa*.

De acordo com a tabela 1, no início desta seção, 50,2% das ocorrências encontradas nas duas cidades apresentam a *leitura pontual* e 49,8% apresentam a *leitura durativa*. Esse resultado mostra que tanto em Monterrey como na Cidade do México há o uso do PPC vinculado ao *valor durativo*. Esse resultado nos leva a pensar que seria interessante verificar se o sexo, a idade ou nível de escolaridade influenciam no uso do PPC com um dos valores, já que sabemos, a partir desses dados, que essa forma verbal na variedade mexicana expressa tanto o *valor pontual* como o *valor durativo*. Algo que fica em aberto para uma pesquisa futura.

4.3 RELAÇÃO ENTRE A TEORIA GERATIVA E O FENÔMENO EM ESTUDO

A Teoria Gerativa é capaz de explicar não somente as semelhanças entre as línguas, mas também as diferenças existentes entre elas por meio da Teoria de P&P. Conforme apresentamos, uma das diferenças existentes na língua espanhola está relacionada com o uso do PPC. Do total de 427 ocorrências do PPC entre a Cidade do México e Monterrey, 49,8% estavam veiculadas ao valor aspectual durativo, enquanto que 50,2%⁵ estavam veiculadas ao valor aspectual pontual.

Levando em consideração que há variação sintática no uso do PPC da língua espanhola, utilizamos a Teoria de P&P para descrever e analisar o PPC na variedade mexicana. Com os dados que encontramos, afirmamos que a variedade mexicana de fato apresenta o valor aspectual *durativo*, mas também apresenta, em expressiva proporção, o valor aspectual *pontual* veiculado ao PPC.

Vale destacar que a variação e as diferenças entre as línguas particulares encontram-se nas diferentes formas de realizações dos *traços* dos itens lexicais, já que na versão atual da *Teoria da Gramática Gerativa*, são os *traços* que dão origem

⁵ Como vimos em Araújo (2018) vários são os valores associados ao PPC. Apesar disso, para nossa análise, consideramos a oposição entre o aspecto pontual e durativo

a PF e a LF. Partindo da ideia de que o termo *traços* refere-se ao conjunto de informações que estão codificadas num item lexical qualquer, assumimos que o *traço aspectual* é um princípio universal comum a todas as línguas.

Conforme vimos, os estudos da *Gramática Gerativa* defendem que a *Linguagem* é vista como uma *Faculdade inata* e inerente ao ser humano, portanto, a mente e o cérebro são a morada da *Linguagem*. Baseando-se em Chomsky (1997), explicamos que, apesar de a *Faculdade da Linguagem* ser uma dotação genética, uma criança não nasce dominando uma língua particular. Por exemplo, uma criança que nasce em alguma comunidade de fala espanhola é capaz de desenvolver o *traço aspectual durativo* ou *não durativo* sobre o PPC. No caso da variedade mexicana, os falantes nativos apresentam tanto o *valor aspectual durativo* sobre o PPC como também o *valor aspectual pontual*. Essa é uma característica do uso do PPC nessa variedade, diferentemente da variedade espanhola em que o uso do PPC não apresenta o *valor aspectual durativo*.

Uma criança que nasce, por exemplo, em alguma cidade da Espanha só irá desenvolver o *traço aspectual durativo* se for exposta aos dados que contenham informações referentes ao *traço aspectual durativo* sobre o PPC. Chamemos a variação do valor aspectual do PPC da língua espanhola de microparâmetro porque é uma variação existente em uma mesma língua.

Por meio da Teoria de P&P assumimos que é a partir do processo da aquisição da linguagem que uma criança desenvolve o *traço aspectual durativo* e também *pontual* ao usar o PPC na comunidade de fala mexicana. Nossos dados confirmam que os falantes da língua espanhola, nessa comunidade, receberam informações do valor aspectual ainda quando estavam no processo de aquisição. E a partir dos dados recebidos do input foi possível utilizar o PPC veiculado a leitura aspectual durativa e também pontual, diferente das demais variedades que normalmente a leitura que se tem ao utilizar o PPC é apenas *pontual*.⁶

Destacamos que o verbo é um item lexical que pode apresentar diferentes *traços*, como *traços de tempo*, *modo*, *aspecto*, dentro outros. Baseando-se em nosso referencial teórico, o *aspecto* até aqui apresentado é considerado nesse trabalho muito importante no estudo do PPC por ser considerado uma categoria funcional composta por *traços* [+interpretáveis]. À vista disso, resolvemos classificar todos os

⁶ Classificamos os enunciados analisados com valor pontual todas as leituras que não foram consideradas durativas, isto é, um passado que inclui o presente e pode se estender até o futuro.

verbos das ocorrências que encontramos de acordo com a proposta de Vendler (1967). De acordo com a classificação desse autor, os verbos de *atividades*, *estados* e *realizações* apresentam *traços* [+duração], enquanto os verbos denominados de logros (culminação) apresentam *traços* [+telicidade] e [+dinamicidade], ou seja, eventualidades com esses *traços* designam eventos pontuais que não apresentam duração. Basear-se na classificação de Vendler (1967) foi importante para que pudéssemos compreender, analisar e identificar o valor aspectual de cada enunciado, além de verificar quais tipos de verbos poderiam aparecer com o valor aspectual durativo. Notamos, ao analisar os dados desta pesquisa, que há uma predominância do valor aspectual durativo em verbos de *estados* e *atividades*, o que é de se esperar já que são verbos que apresentam *traços* [+duração].

Conforme Chomsky (1997) assume, a diferença dos parâmetros entre as línguas está associada a um *traço* nos itens funcionais. Em síntese, é a partir do processo de aquisição da linguagem que se desenvolve o *traço aspecto* na comunidade de fala mexicana. Conforme vimos, o espanhol mexicano apresenta a leitura aspectual [\pm durativo] ao utilizar o PPC, já outras variedades do espanhol (não mexicano) apresentam, normalmente, somente o *traço* [-durativo]. Portanto, percebe-se por meio da nossa análise, que essa é a diferença microparamétrica em termos de *traços* em relação ao uso do PPC da língua espanhola.

Apesar de a *Teoria Gerativa* propor que a aquisição da linguagem se dá porque existe uma capacidade inata para a linguagem, ela reconhece que alterações no ambiente contribuem para a mudança linguística porque se há mudança na Língua-E, logo, a gramática particular de cada indivíduo também irá mudar. Nesta perspectiva, salientamos que seria importante analisar o uso do PPC da LE na variedade mexicana numa perspectiva diacrônica para poder entender o que foi que aconteceu ou como se deu a mudança do PPC em relação ao valor aspectual associado nos dias atuais.

Seria importante entender o que foi que aconteceu no ambiente linguístico que provocou a gramaticalização do PPC da LE na variedade mexicana. O que aconteceu no ambiente linguístico que provocou a gramaticalização do PPC do espanhol mexicano? O que fez com que o PPC passasse do valor pontual para ser lido com o valor aspectual durativo⁷? Esses questionamentos ficam em aberto para

⁷ Cyrino e Matos (2005, 2007) mostram, ao analisar construções de objeto nulo, o valor durativo do PPC é derivado da gramaticalização do valor aspectual pontual.

uma pesquisa futura.

4.4 CONCLUINDO A SEÇÃO

Nesta seção, buscamos verificar e compreender se de fato havia variação no uso do PPC na variedade mexicana. Para que isso fosse alcançado, fizemos um estudo quantitativo e qualitativo utilizando 16 entrevistas de um *corpus* oral que advém do PRESEEA, afim de verificar se e como ocorre a variação do PPC nas duas cidades mexicanas: Monterrey e Cidade do México. Em suma, no início dessa seção, apresentamos a metodologia empregada e o *corpus* utilizado.

Nas demais subseções, apresentamos os resultados da análise e quantificamos os dados das duas cidades para que pudéssemos verificar se de fato havia variação dialetal. Verificamos que tanto em Monterrey como na Cidade do México apresentam o *valor durativo* e, também, o *valor pontual*. Além disso, com a finalidade de verificar quais verbos poderiam aparecer com o *valor durativo*, classificamos todos os verbos de acordo com a classificação de Vendler (1967).

Mostramos por meio da última subseção como nossa pesquisa se enquadra no campo da *linguística gerativa*. E para que pudéssemos dialogar o fenômeno em estudo com o referencial teórico no qual se baseia esta pesquisa, levamos em consideração a oposição do *aspecto pontual* e *durativo*, já que esta pesquisa tem o objetivo principal de analisar e descrever como o *aspecto* veiculado ao PPC do espanhol se materializa na variedade mexicana. Em síntese, é por meio da Teoria de P&P dentro do PM que conseguimos explicar a diferença do PPC na variedade mexicana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao objeto de nossa pesquisa, Lope Blanch (1961,1992) e Moreno de Alba (1975) afirmaram que o PPC na variedade mexicana era diferente das demais variedades, inclusive, do espanhol europeu. Nessa dissertação objetivamos analisar edescrever o uso do PPC do espanhol mexicano baseando-se no referencial teórico da *Gramática Gerativa*. Levando em consideração que nossa pesquisa seguiu a Luz da *Teoria Gerativa*, a variação e mudança do PPC no espanhol mexicano foi explicada por meio de dispositivos da *Faculdade da Linguagem*. Nessa perspectiva, buscamos verificar por meio dos dados coletados em corpora o *traço* na categoria de *aspecto* responsável pela variação do PPC na variedade mexicana. Assumimos a hipótese de que o uso do PPC, no México, possui um aspecto durativo e os predicados que aparecem com esse tempo só podem ser predicados cujo aspecto léxico não seja pontual, a menos que, composicionalmente, haja uma mudança do valor pontual para durativo.

Apresentamos essa dissertação em quatro seções. Na primeira seção, introduzimos nosso tema, apresentamos os objetivos geral e específicos, bem como a hipótese. Na segunda seção, fizemos uma revisão dos pressupostos da *Teoria Gerativa* que nortearam nossa pesquisa. Em seguida, mostramos que a variação do espanhol não se restringe apenas a diferenças léxicas e fonológicas. Nessa seção, fizemos também uma revisão bibliográfica da Teoria de P&P na sua versão *Minimalista*. Explicamos que com o desenvolvimento da *Teoria Gerativa* surgiu o PM que explica que a componente sintático da *Faculdade da Linguagem* é programada para ser um sistema gerativo derivacional com duas componentes externas. Apresentamos a definição de língua como faculdade cognitiva e língua como código linguístico socialmente compartilhado. Explicamos que a língua espanhola dentro da comunidade mexicana é considerada como Língua-E, ou seja, é a língua externa, levando em consideração que cada comunidade linguística pode fixar um parâmetro constituindo diferentes Línguas-I. Apesar disso, é por meio da língua como faculdade linguística, ou seja, é por meio da Língua-I que temos uma infinidade de variedades de gramáticas quantas sejam suas comunidades. Não poderíamos deixar de apresentar a GU como um dos pressupostos da *Gramática Gerativa*, já que é por meio dela que podemos compreender melhor a questão da aquisição e mudança linguística. Fez-se necessário falar sobre a noção de

variação microparamétrica dentro da teoria de *P&P* para compreendermos melhor o nosso objeto em estudo. Ainda nessa seção, mostramos a partir de FONTANELLA DE WEINBERG (1992); PINTO (2009); LOPE BLANCH (1989), entre outros autores, que a língua espanhola é variada e diversificada em todos os níveis, inclusive, no âmbito sintático. Ao relacionar a variação do espanhol com os pressupostos da *Teoria Gerativa*, assumimos que a língua espanhola que conhecemos como um dos idiomas mais falado no mundo é considerada como Língua-E, ou seja, é aquela definida como código linguístico socialmente compartilhado. Com relação a Língua (interna), mostramos que se tem uma infinidade de variedades de gramáticas quantas sejam as comunidades linguísticas.

Na terceira seção, apresentamos as três categorias verbais: *tempo*, *modo* e *aspecto*. E diferenciamos a noção de *tempo* e *aspecto* já que, normalmente, a categoria de *aspecto* é menos familiar para estudantes de linguística. Levando em consideração o que Lope Blanch (1961,1992) afirma, fez-se necessário abordar a noção de *aspecto imperfectivo*, *perfectivo*, *pontual* e *durativo* para que pudéssemos compreender a diferença aspectual do PPC na variedade mexicana. Ao levar em consideração que era interessante para nossa análise verificar quais predicados favoreciam uma leitura durativa veiculado ao PPC, foi necessário apresentar a classificação dos tipos de verbos e seus respectivos traços proposto por Vendler (1967). Essa classificação de verbos proposto por Vendler (1967) foi muito útil para nossa análise sobre o valor aspectual veiculado ao PPC. Ainda nessa seção, apresentamos os valores atribuídos ao PPC do espanhol atual.

Na quarta seção, apresentamos a metodologia e o *corpus* utilizado. E em seguida apresentamos algumas considerações importantes para nossa análise. Logo depois, apresentamos a descrição e análise dos dados. Do total de 427 ocorrências do PPC, 49,8% estavam veiculadas ao valor durativo enquanto 50,2% estavam veiculados ao valor *pontual*. Vale destacar que classificamos os enunciados analisados com valor *pontual* todas as leituras que não foram consideradas *durativas*, ou seja, um passado que inclui o presente e pode se estender até o futuro. Afim de verificar quais verbos poderiam aparecer com o valor *durativo*, resolvemos classificar todos os verbos de acordo com a proposta de classificação de Vendler (1967), isto é: verbos de *estado*, *atividades*, *realização* e *logros*. Chegamos à conclusão de que o tipo de verbo que mais aparece com valor durativo é o de *estado* e o de *atividade*, mas isso era de se esperar, já que verbos como estes, têm a

tendência de apresentar a *lectura durativa*. Apesar de os verbos de *realização* e *logros* apresentarem o traço [-durativo], encontramos verbos de *realização* e de *logros* nas ocorrências em que o PPC estava veiculado ao valor *durativo*. Isso confirma a nossa hipótese de que no México, o PPC *possui* um aspecto *durativo* e os predicados que aparecem com esse tempo só podem ser predicados cujo aspecto léxico não seja *pontual*, a menos que, composicionalmente, haja uma mudança do valor *pontual* para *durativo*. Os dados coletados mostraram que tanto em Monterrey como na Cidade do México o PPC apresenta os dois valores aspectuais: *durativo* e *pontual*.

A confirmação de nossa hipótese nos levou a refletir sobre o ensino/aprendizagem do E/LE. Apesar de este trabalho ser uma pesquisa descritiva, enquanto pesquisadores e professores de E/LE, no Brasil, devemos entender o quão importante é falar e discutir sobre a variação linguística no ensino/aprendizagem do espanhol, e ao mesmo tempo, levar resultados como estes para fora do âmbito acadêmico. Pesquisas como a nossa, precisam sair do meio acadêmico para que outros professores, mesmo não sendo pesquisadores na área, entendam que o espanhol não é uma língua homogênea como muitos defendem, mas que há diferenças sintáticas como a que apresentamos neste trabalho.

Ao analisar os dados, vimos que o PPC na variedade mexicana não depende exclusivamente de marcadores temporais como é apresentado nas gramáticas tradicionais. Diante dos resultados e da nossa hipótese confirmada, podemos apresentar mais evidências contra o que se tem dito nos últimos anos de que a língua espanhola é uma língua homogênea.

No PM, uma variação dentro de uma mesma língua é denominada de variação microparamétrica, como é o caso do espanhol dentro da comunidade de fala mexicana. Foi a partir dessa noção de microparâmetro que descrevemos e analisamos o PPC. Por meio da Teoria de P&P assumimos que é a partir do processo da aquisição da linguagem que uma criança desenvolve o traço aspectual [\pm durativo] ao usar o PPC na comunidade de fala mexicana. Nossos dados confirmam que os mexicanos receberam informações do valor aspectual ainda quando estavam no processo de aquisição. Portanto, é comum que os mexicanos utilizem o PPC veiculado a leitura aspectual *durativa* e também *pontual*, diferente das demais variedades que normalmente a leitura que se tem ao utilizar esse tempo verbal é apenas de valor *pontual*. Por meio da nossa análise, a leitura aspectual

[±durativo] é a diferença microparamétrica em termos de traços em relação ao uso do PPC da língua espanhola.

Assumimos, conforme a *Teoria Gerativa*, que a aquisição da linguagem se dá porque existe uma capacidade inata na mente do ser humano que o guia no processo. E alterações no ambiente, como é o caso da comunidade de fala mexicana, contribuíram para a mudança microparamétrica do uso do PPC no espanhol mexicano. Ou seja, a mudança linguística se deu porque houve mudança na Língua-E, logo, a gramática particular da comunidade de fala mexicana mudou.

Sendo assim, apesar de tratarmos de considerações finais, não consideramos que esta pesquisa se encerra aqui. Por isso, deixamos em aberto algumas questões, pois sabemos que há muitos trabalhos sobre os tempos verbais, principalmente sobre os tempos passados na língua espanhola. Mas até então, percebemos que não há trabalhos sobre o PPC na variedade mexicana voltados para a linguística histórica na perspectiva gerativista. O que de fato aconteceu no ambiente linguístico que provocou a gramaticalização do PPC do espanhol mexicano? O que fez com que o PPC passasse do valor pontual para ser lido com o valor aspectual durativo?

Além desses questionamentos, numa perspectiva diacrônica, sugerimos também que, para uma posterior análise, sejam verificados os fatores extralinguísticos: sexo, escolaridade e grupo de idade. Nesta dissertação, foi possível verificar que há variação dialetal nas duas cidades mexicanas: Monterrey e Cidade do México. Mas deixamos em aberto para futuras pesquisas alguns questionamentos que irão contribuir no âmbito da sociolinguística: Será que o nível de escolaridade, a idade ou o sexo influencia no uso do PPC com valor durativo? Deixamos em aberto esses questionamentos para que este trabalho não termine por aqui.

A maior contribuição desse estudo foi ampliar os estudos sobre a gramática do espanhol mexicano numa perspectiva sincrônica dentro da *Teoria Gerativa*, que ainda se encontram escassos no Brasil. Nesse sentido, a nosso ver, é de grande relevância averiguar e olhar como se materializava a forma composta do pretérito perfeito da língua espanhola no México a partir do século XVI, já que não temos dados empíricos, e nem temos um estudo histórico do PPC na variedade mexicana baseado na perspectiva gerativista. Destacamos que a continuação desse estudo, numa perspectiva diacrônica, irá repercutir no âmbito da descrição e análise

linguística de maneira geral, além de ampliar o conhecimento no Brasil sobre a história, sobre o funcionamento, sobre a variação e sobre mudança linguística do espanhol na variedade mexicana, permitindo um processo de ensino da língua espanhola descentralizado da Europa, o que vai de acordo com as políticas para o ensino de língua espanhola em perspectiva intercultural.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. *A alternância entre o pretérito perfeito simples e composto em Monterrey e Cidade do México*. 2018. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2019.
- ARAÚJO, L. *O pretérito perfecto em espanhol: entre a expressão do antepresente e outros valores*. *Cadernos linguísticos*, v. 60, n.1, p. 4770, 2018.
- ARCE, L. Estudios sobre el español hablado en Catamarca. *Variación Lingüística*. Catamarca: Editorial Científica universitaria de la universidad Nacional de Catamarca, 2019.
- BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Madrid: Edaf, 1984.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. v8. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.
- BUGEL, T. O espanhol na cidade de São Paulo: Quem ensina qual variante a quem?. *Revista Trabalhos em Linguística Aplicada*, 33, IEL, Unicamp. p. 71-86, 1999.
- CARDOSO, S. A. Dialectologia. In: MOLLICA, M.C; JUNIOR, C.F. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- CARRARO, F. P. *Crenças e atitudes linguísticas: um olhar sobre a língua espanhola como língua estrangeira*, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) UNICENTRO, Guarapuava, 2016.
- Carvalho, D. Traços. In: FERRARI NETO, J.; SILVA, C.R.T. (Orgs.). *Programa Minimalista em Foco: Princípios e debates*. Curitiba: CRV, 2012, p.113-132.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger 1986.
- _____. *Lectures on Government and Binding. The Pisa Lectures*. For. Dordrecht, 1981.
- _____. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2005 [1997].
- _____. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- COLOMÉ, L. C.; SALDANYA, M. P. *Los Tiempos verbales del español: Descripción*

del sistema y su adquisición en segundas lenguas. Barcelona: Octaedro, 2021.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português*. Rio de Janeiro:Lexikon, 2017 [1985].

CYRINO, S.; MATOS, G. Elipse do VP e variação paramétrica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* (UNICAMP), v. 49, p. 195-206, 2007.

CYRINO, S. M. L.; MATOS, M.G. Local licensers and recovering in VP ellipsis. *Journal of portuguese linguistics*, Lisboa, v. 4, n.2, p. 79-112, 200

DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. v. 2. Madrid: Espasa Editorial, 1999, p. 2977-3060.

DI TULLIO, A. *Nueva Gramática de Español*. Buenos Aires: WALdhuter, 2014.

DUARTE, M. E. Sociolinguística Paramétrica. In: In: MOLLICA, M.C; JUNIOR, C.F. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

EGUREN, L.; SORIANO, O. *Introducción a una sintaxis minimalista*. Madrid: Gredos, 2004.

FERREIRA, J.S. *A interpretação sociocognitiva dos dêiticos no discurso*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras. UFRJ, 2006.

FIGUERA, C. *Usos del pretérito perfecto simple y compuesto en la lengua española*. 2017. Monografía (Conclusão de Curso em Filología). Universitat de Barcelona. Barcelona, 2017.

FONSECA, F. Deixis e pragmática lingüística. In: FARIA, I. H; PEDRO, E. R.; DUARTE. *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.

FONTANELLA DE WEINBERG, M.B. *El español de América*. Madrid: Mapfre,1992

GARCÍA FERNÁNDEZ, L. *La gramática de los complementos temporales*. Madrid: Visor Libros, 2000.

GILI GAYA, S. *Curso Superior de Sintaxis Española*. 12. ed. Barcelona: Bibliograf, 1978.

GOMÉZ TORREGO, L. *Gramática didáctica del español*. São Paulo: Edições SM, 2005.

GONZÁLEZ, S.H; *El perfecto simple y el perfecto compuesto en español actual: estado de la cuestión*. Universidade de Valladolid,1998.

GUTIÉRREZ-BRAVO, R. La sintaxis del español mexicano: un esbozo. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 12, n. 2, p. 44-70.

HARRIS, M. The “past simple” and “present perfect” in Romance. In: Vicent, N; HARRIS, M. (eds). *Studies in the Romance verb*. London: Croom Helm, 1982, p.42-70.

HENRÍQUEZ UREÑA, P. Observaciones sobre el español de América. *Revista de Filología Española*, n 8, p. 357-390, 1921.

HERMONT, A. B.; OTONI, J. S. As categorias tempo e aspecto e sua relação com marcadores na língua tétum-praça. *Linguística*, v. 12. p. 135-160, 2016.

IATRIDOU, S.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; IZVORSKI, R. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

IRALA, V. A opção da variedade de espanhol por professores em serviços e pré-serviços. *Linguagem e Ensino*. v.7. n. II. p.99120, 2004.

JIMÉNEZ JULIÁ, T. Modalidad, modo verbal y modus clausal en español. In: *Verba*. Anuario Galego de Filoloxia, 2015.

KAYNE, R. S. *Parameters and Universals*. New York: Oxford University Press, 2000.

KENEDY, E. *Curso Básico de Linguística Gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

LLORACH, E. A. *Estudios de Gramática Funcional del Español*. 2.ed. Madrid: Gredos, 1978.

LABOV, W. *Sociolinguistics Patterns*. University of Pennsylvania Press, Filadélfia, 1972.

LAVARDA, S.T; BIDARRA, J. A dêixis como um complicador/facilitador no contexto cognitivo e linguístico em ambiente educacional face aos alunos com deficiência visual. *Revista brasileira de educação especial*, v.13.n3,2007.

LOBATO, L. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Virgília, 1986.

LOPE BLANCH, J. M. Esbozo histórico del español en México. In: HERNÁNDEZ ALONSO, C. (Org.). *História Y presente del español de América*. Valladolid: Junta de Castilla y León, 1992. p.607-626.

LOPES, T. L. *A realização morfológica do aspecto perfect do português do Brasil e no inglês da Inglaterra – uma análise compativa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

LÓPEZ, J. F. *Clasificación de los verbos por su aspecto léxico o aktionsart*, 2018. <http://hispanoteca.eu/Linguistik/a/AKTIONSART%20Aspecto%20%C3%A9xico.htm>

MENEGOTTO, A. *Hacia un modelo de análisis de la variación lingüística en el marco del Programa Minimalista*. Tesis doctoral. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires/Facultad de Filosofía e Letras, 2004.

MILANI, E. *Gramática de espanhol para brasileiros*. São Paulo: Contexto, 2008.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

MODESTO, M. *O Programa Minimalista em sua primeira versão: abordagens computacionais da teoria da gramática*. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

MONHALER, M. E.; MATIAS MIRANDA, A. F. *La diversidad lingüística del español en el mundo contemporáneo: propuestas de actividades didácticas*. In: *Actas del III Congreso Internacional SICELE*. 2017.

MORENO DE ALBA, J. G. Puede ser imperfecto el pretérito perfecto? *Anuario de Letras*, v. 40, p. 73-91, 2002.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. *Uma breve história da linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

MURRIEL, C. G.; REBAGLIATI, J. W. *Elementos de gramática española*. 1.ed. Lima: Universidad del Pacífico, 1992.

NOVAES, C.; BRAGA, M. Agrammatic aphasia and aspect. *Brain and Language*. v. 95, n. 1, 2005, pp. 121-122.

NOVAES, C. Evidências neuropsicológicas da existência de um nódulo de aspecto. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.71-88, 2007.

OLIVEIRA, L.C. de. *As duas formas do pretérito perfeito: análise de corpus*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

PALACIOS, A. Variedades del español hablado en América: una aproximación educativa. In: DE MIGUEL, E. (Org.). *Las lenguas españolas: un enfoque filológico*. Madrid: MEC, 2006, p. 175-196.

PALMER, F.R. The definition of modality. In: *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 14-22.

PINTO, C. F. Los criterios sintácticos em la división del español. In: PINTO, C. F.; IRALA, V. B. (Orgs.) *Um dossiê de estudos linguísticos hispânicos*. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2009. p. 61-97.

_____. El estudio del español de América en el contexto de la enseñanza de español en Brasil. In: *Seminario de dificultades específicas a la enseñanza de español a lusohablantes*, 2016 2016, São Paulo. Actas del Seminario de dificultades

específicas a la enseñanza de español a lusohablantes, 2016. p. 21-36

_____. A língua espanhola? Ou as línguas espanholas?. In: *IX Seminário de Lingüística Aplicada / IV Seminário de Tradução*. Salvador: Vozes Olhares Silêncios. Trabalhos apresentados no IX Seminário de Lingüística Aplicada / IV Seminário de Tradução. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 1-10

_____. El español y la variación en sintaxis. In: *II Simposio Internacional de Lengua Española*. São Paulo: Cuaderno de Resúmenes, 2009

_____. La variación socioespacial del español actual: El español como lengua franca y la enseñanza del español como lengua extranjera. In: *Revista Intertexto*. v.13. n.1. p.173-2013, 2020.

PINTO, C. F.; CARLOS, V.G. *A diversidade do espanhol atual no ensino da língua no Brasil 30 anos após a criação do Mercosul*. 2022

POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424. 1989.

PRESEEA (2011): *Guía PRESEEA para la investigación lingüística*. Vers. 2.0 22- 01-2011. Disponível em: <<http://preseea.linguas.net/Corpus.aspx>>. Acesso em: 30 de novembro de 2022.

RAE. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2010.

RAPOSO, E. *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan Company, 1960 (1947)

ROJO, G; VEIGA, A. El tiempo verbal: Los tiempos simples. IN: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (Orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. v. 2. Madrid: Espasa-Calpe, 1999, p. 2867-2935.

SANTOS, A. *A variação da língua espanhola num curso de formação de professores de E/LE no Brasil*. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SCHALKOSKI-DIAS, L.; GODOY, E. La oposición pretérito simple/compuesto en el español de América: una mirada sobre las construcciones interrogativas. In: *Anais do II Congresso Brasileiro de hispanistas*, 2004.

SILVA, A. S. da. Variação linguística e pluricentrismo: novos conceitos e descrições. In: *Actas do XIII Congresso Internacional de Linguística Xeral*. 2018, p. 839-845.

SILVA, I. M. da. La oposición subjuntivo en construcciones con aunque, quizá tal vez. In: *Um dossiê de estudos lingüísticos hispânicos*. São Paulo: editora casa nova do novo autor, 2009, p. 127-149.

SILVA, O. Variación lingüística del español en el currículo lengua extranjera (aproximación a algunos manuales de español para aprendices brasileños). In: *A diversidade léxica da língua espanhola: descrição e análise*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: Unesp. 2003.

SOARES DA SILVA, H. *Sobre o alcance da sociolinguística no estudo da mudança paramétrica: uma perspectiva interlinguística*.v.12. n2, 2013.

VENDLER, Z. Verbs and Times. In: *Linguistics in philosophy*. New York: University Press, 1967, pp. 99-121.

WACHOWICZ, T.C; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. *Caderno de estudos linguísticos*. Campinas, v.48 (2), 211-232,2006.